

³¹ Jean E. Kennard, "Ourselves behind ourselves: a theory for lesbian readers", in Flynn e Schweickart, *Gender and reading*, p. 71. Aqui Kennard está citando e readaptando (usando *lésbica* em vez de *mulher*) Jonathan Culler, *On deconstruction: theory and criticism after structuralism* (Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 1982), pp. 49 e 50. Culler por sua vez está citando Showalter.

³² Tania Modleski, "Feminism and the power of interpretation: some critical readings", in De Lauretis. *Feminist studies/critical studies*, p. 132. Outras referências são indicadas no texto. Ver também, no mesmo livro, Nancy K. Miller, "Changing the subject: authorship, writing, and the reader", pp. 102-120.

³³ A "leitora feminista real" de Modleski assemelha-se às "leitoras lésbicas" de Kennard. Por exemplo, na conclusão de seu trabalho, Kennard afirma: "A leitura polar, portanto, não é uma teoria de leitura lésbica, mas um método especialmente adequado a leitoras lésbicas" (p. 77). Esta frase, no entanto, é questionada pela preocupação da autora, algumas linhas acima, de agradar a todos os possíveis leitores: "A leitura polar permite a participação de qualquer leitor em qualquer texto e assim abre possibilidades de experiências literárias as mais variadas." Em última análise, o leitor permanece confuso.

³⁴ Rosi Braidotti, "Modelli di dissonanza: donne e/in filosofia", in Patricia Magli, ed., *Le donne e i segni* (Urbino: Il Lavoro Editoriale, 1985), p. 25. Embora acredite existir uma versão inglesa deste trabalho, utilizo a versão italiana, que eu mesma traduzo.

UM MANIFESTO PARA OS *CYBORGS*: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E FEMINISMO SOCIALISTA NA DÉCADA DE 80*

Donna Haraway

SONHO IRÔNICO DE UMA LINGUAGEM COMUM PARA AS MULHERES NO CIRCUITO INTEGRADO

Este ensaio é uma tentativa de construir um mito político irônico, fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo. Talvez mais fiel, como o é a blasfêmia, do que reverente, como são a adoração e a identificação. A blasfêmia implica sempre uma seriedade em relação aos fatos. Não conheço melhor posição a adotar com relação às tradições secular-religiosas e evangélicas da política dos Estados Unidos, incluindo aí a política referente ao feminismo socialista. A blasfêmia evita que sejamos arrastados pela maioria moralista; ao mesmo tempo em que valoriza a relação comunitária, a blasfêmia não é apostasia. A ironia opera com contradições que não se resolvem em grandes espaços, nem mesmo dialeticamente; a ironia se constitui na tensão entre elementos incompatíveis, porque ambos ou todos são necessários e verdadeiros. A ironia tanto se refere ao humor quanto à seriedade. É também uma estratégia retórica e um método político, que eu gostaria de ver mais privilegiado dentro do feminismo socialista. No centro da minha fé irônica, minha blasfêmia, encontra-se a imagem do *cyborg*.

Um *cyborg* é um organismo cibernético híbrido; é máquina e organismo, uma criatura ligada não só à realidade social como

* "Manifesto for the *cyborgs*: science and technology and socialist feminism on the 1980's" foi publicado em *Resistance literature*, Barbara Harlow, Methuen, 1987, pp. 65-107. Donna Haraway é professora do Departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, e autora de *Primate visions. Gender, race and nature in the world of modern sciences*.

à ficção. A realidade social é experimentada por meio das relações sociais, nossa construção política mais importante, capaz de elaborar a ficção de mudar o mundo. Os movimentos feministas internacionais construíram uma “experiência feminina”, bem como desvendaram ou descobriram este objetivo crucial coletivo. Esta experiência é uma ficção e um fato político dos mais cruciais. A liberação se produz na construção da consciência na apreensão imaginativa da opressão. O *cyborg* é um tipo de ficção e experiência vivida que muda aquilo que foi estabelecido como “experiência feminina” nas últimas décadas do século XX. Esta é uma luta de vida ou morte, mas o limite é uma ilusão de ótica.

A ficção científica contemporânea é povoada de *cyborgs* — criaturas simultaneamente animal e máquina que habitam mundos ambigualmente naturais e construídos. A medicina moderna também é povoada de *cyborgs*, de acasalamentos entre organismo e máquina, cada qual concebido como artifício codificado numa intimidade com um poder, que não foram previstos na história da sexualidade. O “sexo” do *cyborg* restaura algumas das mais fascinantes réplicas barrocas dos fetos e dos invertebrados (interessantes profilaxias orgânicas contra o heterossexismo). A réplica dos *cyborgs* não se identifica com a reprodução orgânica. A engenharia da produção moderna parece um sonho da colonização do trabalho *cyborg*, um sonho que faz o pesadelo do taylorismo parecer idílico. Além disso, a guerra moderna é a orgia dos *cyborgs* codificada como C³i, comando-controle-comunicação-inteligência, e avaliada em US\$ 84 bilhões na receita da defesa norte-americana no ano de 1984. Estou tentando argumentar que os *cyborgs* são um mapeamento ficcional da nossa realidade social e corporal, além de uma fonte imaginativa que sugere algumas associações muito frutíferas. A biopolítica foucaultiana é uma premonição flácida da política dos *cyborgs*, um campo em expansão.

No final do século XX, nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, seres híbridos teorizados e fabricados ao mesmo tempo como máquina e organismo, em suma, somos *cyborgs*. O *cyborg* é nossa antologia, determina a nossa política. O *cyborg* é uma imagem condensada da imaginação e da realidade material, tendo os dois centros interligados para estruturar qualquer possibilidade de transformação histórica. Na tradição da política e da ciência “ocidentais” — a tradição do capitalis-

mo racista comandado pelos homens, a tradição do progresso, da apropriação da natureza como fonte para a produção da cultura, a tradição da reprodução do eu a partir das reflexões do outro —, a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. Os campos dessa guerra têm sido os territórios de produção, reprodução e imaginação. Este ensaio é uma reivindicação de prazer na superposição destas fronteiras, de responsabilidade na sua construção. É também um esforço no sentido de contribuir para a cultura e para a teoria socialista-feminista numa perspectiva não-naturalista e pós-moderna. Insere-se na tradição utópica de imaginar um mundo sem gênero, talvez um universo sem gênese, mas que pode ser também um mundo sem fim. A encarnação do *cyborg* está fora da história da salvação.

O *cyborg* é uma criatura num mundo pós-gênero, sem entretanto nenhuma relação com a bissexualidade, simbiose pré-édipiana, trabalho não alienado, ou outras tentações de uma integridade orgânica, por meio de uma apropriação final de todas as partes numa unidade maior. Num certo sentido, o *cyborg* não tem uma história de origem no sentido “ocidental” da palavra; é uma ironia “final” na medida em que o *cyborg* é também o *telos* apocalíptico ameaçador da escalada de denominações da individuação abstrata ocidental, um ser verdadeiro, livre finalmente de toda e qualquer dependência, um homem no espaço. Uma história de origem, no sentido humanista “ocidental”, depende do mito da unidade original, da totalidade êxtase e terror, representados pela mãe fálica da qual todos os humanos têm de separar-se na tarefa do desenvolvimento individual e da história. Hilary Klein demonstrou que tanto o marxismo quanto a psicanálise, ao conceituarem o trabalho de individuação e formação do gênero, pressupõem uma unidade original, fora da qual a diferença deve ser produzida e registrada num drama de dominação progressiva da mulher/natureza. O *cyborg* passa por cima do estágio de unidade original, e da identificação com a natureza, no sentido ocidental.

O *cyborg* está definitivamente ligado à parcialidade, à ironia, intimidade e perversidade. É oposição, utopia e completa falta de inocência. Não podendo mais ser estruturado em termos da polaridade entre o público e o privado, o *cyborg* define uma pólis tecnológica parcialmente baseada na revolução de relações so-

ciais na *oikos*, a casa. A natureza e a cultura são retrabalhadas; uma não pode ser mais a fonte de apropriação ou incorporação pela outra. A formação de totalidade, a partir de fragmentos, inclusive aqueles de polaridade ou dominação hierárquica, está em questão no mundo do *cyborg*. Ao contrário das esperanças do monstro Frankenstein, o *cyborg* não espera que seu pai o salve através da restauração do paraíso, isto é, através da fabricação de um companheiro heterossexual, que faça dele um ser completo, a cidade e o cosmos. O *cyborg* não sonha com a comunidade a partir do modelo da família orgânica. O *cyborg* não reconheceria o paraíso, não é feito de barro e não pode sonhar com a volta ao pó. Os *cyborgs* não são reverentes, não relembram o cosmos, são prudentes em relação ao holismo, mas necessitam de conexão — parecem ter uma inclinação natural para a política de frente unida, mas sem o partido de vanguarda. O principal problema em relação aos *cyborgs* é a sua condição de fruto ilegítimo do militarismo e do capitalismo patriarcal, para não mencionar o socialismo do Estado. Mas a prole ilegítima é frequentemente muito infiel às suas origens. Seus pais, afinal de contas, são absolutamente dispensáveis.

Voltarei à ficção científica dos *cyborgs* ao final deste artigo, mas agora quero assinalar três rupturas cruciais de fronteiras que tornam possível uma análise política ficcional (político-científica). Nas últimas décadas deste século, na cultura científica dos Estados Unidos, abriu-se uma brecha na fronteira entre o humano e o animal. Muitas pessoas já não sentem a necessidade de estabelecer tal separação; na verdade, muitos ramos da cultura feminista afirmam o prazer da ligação do humano com outras formas de seres vivos. Os movimentos pelos direitos dos animais não são negações irracionais da singularidade humana, são sinais evidentes do reconhecimento da ligação desacreditada entre natureza e cultura. A biologia e a teoria evolucionista, nos últimos dois séculos, produziram organismos modernos como objetos de conhecimento e reduziram a linha que separava os humanos dos animais a um traço esmaecido regravado na luta ideológica ou disputas profissionais entre vida e ciências sociais. No interior dessa estrutura, ensinar criacionismo cristão moderno devia ser combatido como abuso à criança.

A ideologia do determinismo biológico é apenas uma posição aberta na cultura científica para questionar os significados

da animalidade humana. Há muito espaço para pessoas com idéias políticas radicais contestarem os sentidos das fronteiras cindidas.¹ O *cyborg* aparece como mito justamente quando a fronteira entre o humano e o animal é transgredida. Em vez de finalizar a separação entre o homem e os outros seres vivos, os *cyborgs* assina-lam, de maneira perturbadora e prazerosa, sua estreita ligação.

A segunda distinção imprecisa se estabelece entre animal humano (organismo) e máquina. As máquinas pré-cibernéticas podiam ser perseguidas, mas sempre houve o espectro do fantasma na máquina. As máquinas, porém, não eram automáticas, auto-construídas, autônomas. Não podiam alcançar o sonho do homem, apenas caricaturá-lo. Não eram o homem, um autor para si próprio, mas apenas o pastiche desse sonho reprodutor masculino. Pensar de outra maneira seria uma forma de paranóia. Agora não estamos tão seguros disso. As máquinas das últimas décadas do século XX tornaram ambígua a diferença entre natural e artificial, corpo e mente, autodesenvolvimento e projeto exterior, além de muitas outras distinções que costumavam aplicar-se a organismos e máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós apavorantemente inertes.

O determinismo tecnológico abre novas concepções de máquina e organismo, considerados como textos codificados por meio dos quais participamos do jogo de escrever e ver o mundo.² A “textualização” de todas as coisas na teoria pós-estruturalista, pós-modernista, tem sido condenada pelos marxistas e pelas feministas socialistas, por seu desprezo utópico pelas relações vividas de dominação que fundamentam o “jogo” da leitura arbitrária.^{3*} É certamente verdadeiro que as estra-

* Um argumento ao mesmo tempo provocativo e abrangente a respeito da política e das teorias do “pós-modernismo” é estabelecido por Frederick Jameson, que assevera que o pós-modernismo não é uma opção, um estilo entre outros, mas um movimento cultural que requer uma reinvenção radical da política de esquerda a partir da sua própria discussão interna, já que não existe nenhum lugar, de fora, que dê significado à reconfortante ficção de um distanciamento crítico. Jameson também deixa muito claro por que não se pode ser a favor ou contra o pós-modernismo, um movimento essencialmente moralista. Minha posição se baseia no seguinte ponto: as feministas (e outros) necessitam de reinvenção cultural constante, da crítica pós-modernista e do materialismo histórico; apenas um *cyborg* teria essa oportunidade. As velhas dominações do patriarcado branco e capitalista parecem nostalgicamente inocentes hoje: elas normalizaram a heterogeneidade, por exemplo, entre homem e mulher, preto e branco. O “capitalismo avançado” e a pós-modernidade libertam a heterogeneidade sem uma norma e nos encontramos

tégias pós-modernistas, tal como o seu mito do *cyborg*, subvertem incontáveis totalidades orgânicas (por exemplo, o poema, a cultura primitiva, o organismo biológico). Em resumo, a certeza daquilo que conta como natureza — uma fonte de compreensão e uma promessa de inocência — se encontra arruinada, provavelmente de forma fatal. A autorização transcendente da interpretação está perdida e com ela o fundamento ontológico da epistemologia “ocidental”. Mas a alternativa não se encontra nem no cinismo nem na incredulidade, o que quer dizer que a alternativa não se encontra abstraída da existência provocada pelo determinismo tecnológico que destrói o “homem”, através da “máquina”, e destrói a “ação política significativa” através do “texto”. Quem serão os *cyborgs* é uma pergunta radical; as respostas são uma questão de sobrevivência. Se tanto os chimpanzés como os artefatos têm uma forma de política, por que não haveríamos de tê-la também?⁴

A terceira distinção constitui uma subcategorização da segunda: a fronteira entre o físico e o não físico é muito imprecisa para nós. As máquinas modernas representam a quintessência dos legados da microeletrônica: estão em toda parte e são invisíveis. A maquinária moderna é um deus pretensioso e irreverente, fazendo pouco da ubiqüidade e espiritualidade do Pai. O chip de silício é uma superfície de escrita; é gravado em escalas moleculares, perturbadas apenas pelo ruído atômico. A escritura, o poder e a tecnologia são velhos parceiros nas histórias ocidentais sobre a origem da civilização, mas a miniaturização mudou nossa experiência de mecanismo. O pequeno não é tão-somente bo-

achados sem subjetividade, que requer profundidade, até mesmo profundidades sufocadas e hostis. É tempo de escrever *A morte da clínica*. Os métodos da clínica exigiam corpos e esforços; possuímos textos e superfícies. Nossas dominações não funcionam mais através da medicalização ou da normalização; funcionam através de um sistema de redes, reelaboração das comunicações e da administração das tensões. A normalização abre caminho para a automação e para a redundância total. Os livros de Michel Foucault *O nascimento da clínica*, *História da sexualidade* e *Vigiar e punir* nomeiam uma forma de poder no momento de sua implosão. O discurso da biopolítica abre espaço ao balbucio tecnológico, à linguagem do substantivo superposto; nenhum nome permanece inteiro para as multinacionais. Estes são seus nomes, listados em um número de *Science*: *Techno-knowledge*, Genentech, Allergen, Hybritech, Comprupo, Genen-cor, Syntex, Allelix, Agrigenetics Corp., Syntro, Codon, Repligen, Micro-Angelo from Scion Corp., Percom Data, Inter Systems, Cyborg Corp., Statcom Corp., Intertec. Se nos encontramos aprisionados pela linguagem, então a fuga dessa prisão requer uma linguagem poética, um tipo de enzima de restrição cultural para auxiliar na decodificação; a heteroglossia *cyborg* é uma forma de política cultural radical.

nito, mas preeminente perigoso, como o são os mísseis caçadores. Comparem os aparelhos de televisão dos anos 50 ou câmeras de notícias dos anos 70 às televisões de pulso ou câmeras de vídeos minúsculas que são atualmente anunciadas. Nossas melhores máquinas são feitas da luz solar: são totalmente luminosas e límpidas porque nada mais são do que sinais, ondas eletromagnéticas, uma secção de um espectro.

A ubiqüidade e a invisibilidade dos *cyborgs* representam precisamente o porquê dessas máquinas de cintos solares serem altamente letais. São difíceis de se ver tanto política quanto materialmente. Falam sobre a consciência ou sua simulação.⁵

A ciência “mais pesada” se refere ao domínio da maior confusão de fronteiras, o domínio do número puro, do puro espírito, C³i, criptografia e preservação de segredos poderosos. As novas máquinas são limpas e leves. Seus engenheiros são adoradores do sol mediando uma nova revolução científica associada ao sonho noturno da sociedade pós-industrial. As doenças detectadas nestas máquinas limpas nada mais são do que as minúsculas mudanças do código de um antígeno no sistema imunizante, nada mais são do que a experiência do estresse. Os pequenos e ágeis dedos da mulher “oriental”, a velha fascinação das meninas vitorianas anglo-saxãs em relação às casas de bonecas, a atenção das mulheres em relação ao que é pequeno, ganham dimensões bastante novas neste mundo. Poderia ter havido um *cyborg* Alice a dar-se conta dessas novas dimensões. Ironicamente pode ter havido mulheres *cyborg* artificiais fabricando peças de computador na Ásia e espirais dançantes em Santa Rita, cujas unidades construídas conduzirão a estratégias efetivas opostas.

Então meu mito *cyborg* se refere a fronteiras violadas, fusões potentes e possibilidades perigosas que as pessoas progressistas poderiam explorar como uma parte do trabalho político necessário. Uma das minhas premissas é que grande parte dos socialistas americanos, e das feministas, vêem dualismos profundos entre corpo e mente, animal e máquina, idealismo e materialismo nas práticas sociais. De *One-dimensional man* a *The death of nature*,⁶ as fontes analíticas desenvolvidas pelos progressistas insistiram num corpo orgânico imaginado, que integre a nossa resistência. Minha outra premissa é que a necessidade de unificar pessoas que tentam resistir à intensificação global da dominação nunca se mostrou tão aguda. Mas uma guinada de pers-

pectiva levemente perversa poderia tornar-nos capazes de clamar por outros significados, bem como por outras formas de poder e prazer em sociedades mediatizadas pela tecnologia.

Por um lado, o mundo dos *cyborgs* é um tipo de imposição final de uma rede de controle do planeta, um tipo de abstração final representada no apocalipse da Guerra das Estrelas, promovido em nome da defesa, um tipo de apropriação final dos corpos das mulheres numa orgia masculina de guerra. Por outro lado, o mundo dos *cyborgs* poderia ser constituído de realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não sentissem medo de seu parentesco com animais e máquinas, nem de suas identidades permanentemente parciais e pontos de vista contraditórios. A luta política deve ser vista de ambas as perspectivas num mesmo relance, porque cada uma delas revela tanto as dominações como as possibilidades de libertação inimagináveis do outro ponto de vista.⁷ A visão unilateral produz ilusões piores do que as duplas visões ou monstros de várias cabeças. As unidades do *cyborg* são monstruosas e ilegítimas; em nossas atuais circunstâncias políticas, teríamos poucas esperanças de encontrar outros mitos mais potentes de resistência e reduplicação.

Tornou-se mais difícil designar o feminismo por meio de um único adjetivo — ou até mesmo insistir em cada circunstância do próprio substantivo. É aguda a consciência de exclusão através do ato de nomear. As entidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Com o sofrido reconhecimento de sua constituição social e histórica, as categorias de gênero, raça e classe não podem fornecer a base para a crença na unidade “essencial”. Não há absolutamente nada a respeito do ser “mulher” que aglutine naturalmente todas as mulheres. Não há nem mesmo este estado de “ser” mulher que é em si uma categoria altamente complexa, construída nos discursos científicos sexuais e em outras práticas sociais. A consciência de gênero, raça e classe é uma conquista que nos foi imposta por meio da terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo. E quem é este “nós” na minha própria retórica? Que identidades estão à nossa disposição para fundamentar um mito politicamente tão potente chamado “nós”? E, finalmente, o que poderia motivar a inclusão nesta coletividade? Uma fragmentação dolorosa entre as feministas (para não dizer entre as mulheres) ao longo de cada possível linha em branco

tornou o conceito de MULHER indefinível, uma desculpa para a matriz das dominações femininas sobre as outras mulheres. Para mim, e para muitas, com as quais partilho uma posição histórica semelhante, no sentido de sermos brancas, profissionais de classe média, mulheres, radicais, norte-americanas de meia-idade, as causas de uma crise na esfera da identidade política são muito numerosas. A história recente, tanto para a esquerda como para o feminismo norte-americanos, tem sido uma resposta a este tipo de crise por meio de uma busca infinita de uma nova unidade essencial. Mas, por outro lado, tem havido um reconhecimento crescente de uma outra resposta através da coalizão — afinidade, não identidade.⁸

Chela Sandoval, considerando momentos históricos específicos na formação da nova voz política chamada “mulheres de cor”;^{*} teorizou sobre um modelo interessante de identidade política chamado “consciência oposicional”, nascido da habilidade de identificar redes de poder pelos marginalizados das categorias de raça, sexo e classe.⁹ “Mulheres de cor”, uma denominação contestada nas suas origens por aquelas que a poderiam incorporar, constrói um tipo de identidade pós-moderna, saída da alteridade e da diferença. Esta identidade pós-moderna encontra-se repleta de conteúdo político, a despeito de tudo o mais que possa ser dito sobre outros pós-modernismos.

Sandoval enfatiza a falta de qualquer critério essencial para identificar quem é uma mulher de cor. Observa que a definição do grupo se estabeleceu por meio da apropriação consciente da negação. Por exemplo, uma *chicana* ou norte-americana negra não foram capazes de falar enquanto mulheres, pessoas de cor ou *chicanos*. Neste sentido, elas estavam na base inferior de uma torrente de identidades negativas, excluídas até das categorias “mulheres” e “negros”, que assumiram a autoria de importantes revoluções. A categoria “mulher” negava todas as mulheres não brancas, “negros”, todas as pessoas não negras, assim como todas as mulheres negras. Mas não havia nenhuma “ela”, nenhuma singularidade, mas um mar de diferenças entre as mulheres norte-americanas que afirmaram sua identidade histórica en-

* Nos Estados Unidos, o conceito *mulheres de cor* diz respeito a todas as mulheres que não nasceram de união entre pessoas rigorosamente brancas. Assim, como é afirmado no texto, as *chicanas* são também consideradas mulheres de cor. (N. do T.)

quanto mulheres de cor norte-americanas. Esta identidade marca um espaço construído que não pode se afirmar nas bases de uma identificação natural, mas apenas nas bases de uma coalizão consciente, de afinidade e de parentesco político.¹⁰ Ao contrário da “mulher” de algumas correntes do movimento feminista branco norte-americano, neste caso, não há nenhuma naturalização da matriz ou, pelo menos, isto é o que Sandoval defende, e que só é possível através do poder de uma consciência oposicional.

O argumento elaborado por Sandoval deve ser visto como uma formulação potente para as feministas no sentido do desenvolvimento global do discurso anticolonialista, quer dizer, discurso que dissolve o “Ocidente” e seu mais alto produto — aquele que não é animal, bárbaro ou mulher, ou seja, o homem, autor de um cosmos chamado história.

À medida que o orientalismo é desconstruído política e semiótica, as identidades do Ocidente se desestabilizam, as das feministas inclusive.¹¹ Sandoval assevera que as “mulheres de cor” têm a oportunidade de construir uma unidade efetiva que não reduplica os assuntos imperialistas, totalizadores e revolucionários dos marxismos e dos feminismos anteriores, que não se deram conta das conseqüências da desordenada polifonia emergente da descolonização.

Katie King enfatizou os limites da identificação e sua mecânica político-poética da identificação construída na leitura do “poema”, um dos cernes geradores do feminismo cultural. King critica a tendência persistente entre as feministas contemporâneas de taxonomizar o movimento das mulheres no sentido de fazer promover suas próprias tendências políticas como *telos* de um todo. Estas taxonomias tendem a refazer a história do feminismo, fazendo parecer uma luta ideológica travada entre tipos coerentes que persistem além do tempo, especialmente aquelas unidades típicas chamadas de feminismo radical, liberal ou socialista. Literalmente, todos os outros feminismos ou são incorporados ou marginalizados, freqüentemente através da construção de uma ontologia e de uma epistemologia explícitas.¹² As taxonomias do feminismo produzem epistemologias que policiam qualquer desvio da experiência oficial das mulheres. E, naturalmente, a “cultura das mulheres”, como mulheres de cor, é criada conscientemente por mecanismos que induzem à afinidade. Os rituais

de poesia, música e certas formas de prática acadêmica têm sido preeminentes. As políticas de raça e de cultura nos movimentos feministas norte-americanos estão intimamente interligadas. O empreendimento comum a King e Sandoval é aprender como configurar uma unidade político-poética sem confiar numa lógica de apropriação, incorporação e identificação taxonômica.

A luta teórica e prática contra a unidade através-da-dominância ou unidade-atraves-da-incorporação ironicamente corrói não só as justificativas do patriarcado, do colonialismo, do cientificismo e outros ismos, mas também justifica totalmente um ponto de vista orgânico ou natural. Penso que os feminismos radicais e socialistas/marxistas também corroem suas/nossas próprias estratégias epistemológicas e isto representa um passo crucialmente valioso ao imaginarem possíveis unidades. Resta ver se todas as “epistemologias”, como os políticos do Ocidente as viram, foram insuficientes na tarefa de construção de afinidades efetivas.

É importante observar que o esforço de construir pontos de vista revolucionários, epistemologias como conquistas de pessoas engajadas em mudar o mundo, foi parte do processo de acentuar os limites da identificação. Os instrumentos aziagos da teoria pós-modernista e os instrumentos construtivos do discurso ontológico, a respeito dos sujeitos revolucionários, poderiam ser entendidos como aliados irônicos na dissolução das subjetividades do Ocidente no interesse da sobrevivência. Estamos dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo historicamente constituído. Mas com a perda da inocência em nossa origem, também não há expulsão do paraíso. Nossas políticas perdem a indulgência da culpa com a simplicidade da inocência. Porém, como seria um outro mito político do feminismo socialista? Que tipo de política poderia abraçar as construções parciais contraditórias e permanentemente abertas das subjetividades pessoais e coletivas e ainda se manter, ironicamente, feminista e socialista?

Não conheço nenhum outro momento da história no qual tenha havido uma necessidade tão grande de unidade política no sentido de confrontar efetivamente as dominações de “raça”, “gênero”, “sexualidade” e “classe”. Também não me lembro de nenhum outro tempo no qual o tipo de unidade que poderíamos ajudar a construir tenha sido possível. As mulheres brancas, incluindo-se aí as feministas socialistas, descobriram, isto é, foram forçadas, aos trancos e barrancos, a notar a não inocência da categoria “mulher”. Esta consciência muda a geografia de to-

das as categorias prévias, desnatura-as do mesmo modo que o calor desnatura uma proteína frágil. As feministas *cyborgs* têm de provar que “nós” não queremos mais nenhuma matriz natural de unidade e que nenhuma construção representa o todo. A inocência, a conseqüente insistência na vitimização como o único solo para a descoberta já causaram danos suficientes.

Tanto os feminismos marxistas/socialistas como os radicais naturalizaram e desnaturalizaram, simultaneamente, a categoria “mulher” e a consciência da vida social das “mulheres”. Talvez uma caricatura esquemática possa indicar os dois tipos de movimentos. O socialismo marxista tem suas raízes no trabalho assalariado que revela uma estrutura de classe. A conseqüência da relação salarial é sistematicamente a alienação, na medida em que o trabalhador se encontra dissociado do seu (sic) produto. A abstração e a ilusão regem o conhecimento e as regras de dominação vigentes. O trabalho é uma categoria preeminente privilegiada que permite aos marxistas superar a ilusão de encontrar aquele ponto de vista necessário à mudança do mundo. O trabalho é a atividade humana que define o homem; ele é uma categoria ontológica que permite o conhecimento de uma matéria e, neste sentido, o conhecimento da subjugação e da alienação.

Numa filiação fiel, o feminismo socialista avançou ao aliar-se às estratégias analíticas básicas do marxismo. O objetivo principal tanto das feministas marxistas como das feministas socialistas foi expandir a categoria trabalho a fim de caracterizar o que algumas mulheres faziam, até mesmo quando a relação salarial se encontrava dentro do patriarcado capitalista. Nesse sentido, o trabalho feminino dentro de casa e a atividade das mulheres como mães passam a ser vistos à luz do conceito marxista de trabalho. A unidade das mulheres, neste caso, repousa numa epistemologia baseada na estrutura ontológica do “trabalho”. O feminismo marxista/socialista não “naturaliza” a unidade, ele é um objetivo possível baseado em uma determinada perspectiva enraizada nas relações sociais. O movimento essencializante está na estrutura ontológica do trabalho ou no seu análogo, a atividade feminina.^{13*} A herança do humanismo marxista, com o

seu eu preeminente ocidental, representa uma dificuldade para mim. A contribuição destas formulações teria sido dar ênfase às responsabilidades diárias das mulheres reais com a finalidade de construir unidades, mais do que naturalizá-las.

A versão de Catherine MacKinnon para o feminismo radical é também uma caricatura das tendências de apropriação, incorporação e totalização das teorias ocidentais da identidade fundamentando a ação.¹⁴ É factual e politicamente errado assimilar todos os diversos “momentos” ou “conversas” na política recente das mulheres, denominada feminismo radical, à versão de MacKinnon. Mas a lógica teleológica da sua teoria mostra como uma epistemologia e uma ontologia — incluindo-se aí as suas negações — apagam ou políem a diferença. Apenas um dos efeitos da teoria de MacKinnon é a reescritura da história do campo polimórfico denominado feminismo radical. O seu principal efeito é a produção de uma teoria da experiência, da identidade das mulheres, que é uma espécie de apocalipse para todos os pontos revolucionários. Isto é, a totalização construída na forma de um conto chamado feminismo radical atinge seu fim — a unidade das mulheres — através do reforço da experiência e do testemunho de um não-ser radical. No tocante ao feminismo marxista/socialista, a consciência é um objetivo, não um fato natural. E a teoria de MacKinnon elimina algumas dificuldades criadas em assuntos humanistas revolucionários, mas à custa de um reducionismo radical.

MacKinnon argumenta que o feminismo radical adotou necessariamente uma estratégia analítica diferente daquela do marxismo, olhando primeiramente, não para a estrutura de classe, mas para a estrutura sexo/gênero e suas relações gerativas, a constituição do homem e a apropriação sexual das mulheres. Ironicamente, a “ontologia” de MacKinnon constrói um não-sujeito, um não-ser. O desejo do outro, não o trabalho do eu, é a origem da “mulher”. No entanto, ela desenvolve uma teoria de consciência que reforça o que pode contar como experiência das “mulheres” — alguma coisa que se chama violação sexual, na verda-

que estou chamando de pós-modernismo. Para mim, ambos (os movimentos universalizantes e as versões da psicanálise) tornam difícil a análise a respeito do ‘circuito integrado do lugar das mulheres’ e levam a sistêmicas dificuldades no cômputo ou até mesmo na visão dos aspectos mais importantes da construção do gênero e da vida social marcada também pelo gênero.

* O principal papel das versões objeto-relações da psicanálise e os movimentos universalizantes altamente relacionados na discussão a respeito da reprodução, creches e maternidade em muitos enfoques da epistemologia sublinham a resistência de seus autores ao

de o próprio sexo no que diz respeito às “mulheres”. A prática feminista é a construção desta forma de consciência, quer dizer, o autoconhecimento de eu-que-não-é.

Perversamente, a apropriação sexual neste feminismo radical ainda possui o estatuto epistemológico do trabalho, isto é, o ponto a partir do qual a análise capaz de contribuir para a mudança do mundo deve fluir. Mas a reificação sexual, não a alienação, é a consequência da estrutura de sexo/gênero. No domínio do conhecimento, o resultado da reificação sexual é ilusão e abstração. No entanto, uma mulher não se encontra simplesmente alienada do seu produto, mas, num sentido mais profundo, ela não existe enquanto sujeito, ou até mesmo enquanto sujeito potencial, na medida em que deve sua existência como mulher à apropriação sexual. Ser constituída pelo desejo do outro não é a mesma coisa que ser alienada, na violenta separação do trabalhador de seu produto.

A teoria radical da experiência proposta por MacKinnon é totalizadora ao extremo; não apenas marginaliza como também oblitera a autoridade do discurso político de quaisquer outras mulheres e a sua ação. É uma totalização produzindo o que o próprio patriarcado ocidental nunca foi capaz de fazer — a consciência feminista da não-existência das mulheres, exceto como produtos do desejo dos homens. Penso que MacKinnon argumenta corretamente que nenhuma versão marxista da identidade pode firmemente fundamentar a unidade das mulheres. Mas, ao resolver o problema das contradições de qualquer subjetividade revolucionária ocidental com propósitos feministas, a autora desenvolve uma doutrina ainda mais autoritária da experiência. Se minha reclamação a respeito dos pontos de vista socialista/marxista se refere ao seu involuntário apagamento de toda e qualquer diferença radical, inassimilável e polivocal exposta pela prática e pelo discurso anticolonial, o apagamento intencional feito por MacKinnon de toda a diferença através do artifício da não-existência “essencial” também não é tranquilizadora.

Na minha taxonomia, que como qualquer outra taxonomia nada mais é do que uma reinscrição da história, o feminismo radical pode acomodar todas as atividades femininas chamadas de forma de trabalho pelas feministas socialistas, apenas se a atividade puder ser, de alguma maneira, sexualizada. A reprodução teve tons diferentes de significação nas duas tendências: uma an-

corada no conceito de trabalho, outra em sexo, ambas chamando de “falsa consciência” as consequências da dominação e a ignorância da realidade social e pessoal.

Além das dificuldades ou das contribuições ao argumento de qualquer autor, nem os pontos de vista marxistas nem os feministas radicais tenderam a alcançar o status de uma explanação parcial; ambos se constituíram regularmente como totalidades. A explanação ocidental assim o exigia; de outra forma o autor “ocidental” poderia incorporar seus iguais. Cada um deles tentou anexar outras formas de dominação expandindo suas categorias básicas por meio da analogia da simples listagem e da adição. Um silêncio embaraçoso a respeito de raça entre os brancos radicais e as feministas socialistas foi uma consequência política devastadora e de grande alcance. A história e o polivocalismo desaparecem em meio a taxonomias políticas que tentam estabelecer genealogias. Não havia espaço estrutural para o conceito de raça (e para muito mais) na teoria que afirma revelar a construção da categoria mulher e do grupo social mulheres como um todo unificado ou totalizador. A estrutura da minha caricatura é a seguinte:

Feminismo socialista:

estrutura de classe/trabalho/alienação
trabalho, por analogia, reprodução, por extensão, sexo, por adição, raça.

Feminismo radical:

estrutura de gênero/apropriação sexual/reificação
sexo, por analogia, trabalho, por extensão, reprodução, por adição, raça.

Num outro contexto, a teórica Julia Kristeva dizia que as mulheres aparecem enquanto grupo histórico depois da Segunda Guerra Mundial, ao lado de outros grupos, como a juventude. Suas datas são duvidosas, mas agora estamos acostumados a lembrar-nos que, como objetos do conhecimento e como autores históricos, a “raça” não existiu sempre, a “classe” tem uma gênese histórica e os “homossexuais” se encontram no princípio de seu movimento. Não é por acaso que o sistema simbólico da família do homem e, portanto, a essência da mulher, se frag-

menta no mesmo momento em que estas redes de conexão entre as pessoas do planeta tornam-se mais do que nunca múltiplas, prenes e complexas. O “capitalismo avançado” se torna inadequado para carregar a estrutura desse momento histórico. No sentido “ocidental”, o fim do homem está em jogo. Não é por acaso que a mulher se desintegra em mulheres do nosso tempo. Talvez as feministas socialistas não tenham sido substancialmente culpadas por produzir uma teoria essencialista que suprimiu as particularidades das mulheres e os seus interesses contraditórios. Penso que fomos pelo menos através de uma participação irrefletida na lógica, nas linguagens e nas práticas do humanismo branco e através da procura de um único terreno de dominação que assegurasse a nossa voz revolucionária. Agora temos menos desculpas. Mas tendo consciência de nossos fracassos nos arriscamos a nos perder em uma diferença ilimitada e a desistirmos da confusa tarefa de estabelecer uma conexão parcial, real. Algumas diferenças são divertidas, outras representam pólos de sistemas históricos mundiais de dominação. A “epistemologia” se encarrega de fazer-nos conhecer a diferença.

A informática da dominação

Nesta tentativa de um posicionamento epistemológico e político, gostaria de esboçar um quadro de uma possível unidade, um quadro em débito com os princípios socialistas e feministas de concepção. A moldura para este meu esboço se baseia na extensão e na importância dos rearranjos das relações sociais em nível mundial ligadas à ciência e à tecnologia. Desejo uma política plantada nas reivindicações de mudanças fundamentais nos conceitos de classe, raça, gênero, num sistema emergente da ordem mundial análogo em sua novidade e abrangência àquele criado pelo capitalismo industrial. Vivemos um movimento que, partindo de uma sociedade industrial e orgânica, caminha para um sistema informacional polimorfo — de todo trabalho para todo divertimento, um jogo fatal. Simultaneamente materiais e ideológicas, as dicotomias podem ser expressas nos gráficos de transição abaixo, desde os velhos e confortáveis domínios hierárquicos até as novas e assustadoras redes que chamei de informática da dominação:

Representação	Simulação
Romance burguês, realismo	Ficção científica, pós-modernismo
Organismo	Componente biótico
Profundidade, integridade	Superficialidade, fronteira
Calor	Barulho
Biologia como prática clínica	Biologia como inscrição
Fisiologia	Engenharia de comunicações
Grupo pequeno	Subsistema
Perfeição	Otimização
Eugenia	Controle populacional
Decadência, <i>A montanha mágica</i>	Obsolescência, <i>O choque do futuro</i>
Higiene	Controle da tensão
Microbiologia, tuberculose	Imunologia, AIDS
Divisão orgânica do trabalho	Ergonomia/cibernética do trabalho
Especialização funcional	Construção modular
Reprodução	Replicação
Especialização orgânica do papel sexual	Ótimas estratégias genéticas
Determinismo biológico	Inércia evolucionista, coações
Ecologia comunitária	Ecossistemas
Cadeia racial do ser	Neo-imperialismo, humanismo, Nações Unidas
Gerência científica na casa/fábrica	Fábrica global/chalé eletrônico
Família, mercado, fábrica	Mulheres no Circuito Integrado
Salário familiar	Riqueza comparável
Público/privado	Cidadania ou <i>cyborg</i>
Natureza/cultura	Campos de diferença
Cooperação	Intensificação das comunicações
Freud	Lacan
Sexo	Engenharia genética
Trabalho	Robótica

Mente	Inteligência artificial
Segunda Guerra Mundial	Guerra nas Estrelas
Patriarcado capitalista branco	Informática da dominação

Esta lista sugere muitas coisas interessantes.¹⁵ Em primeiro lugar, os assuntos da coluna da direita não podem ser codificados como “naturais”, uma realização que subverte a codificação naturalista para a coluna da esquerda também. Não podemos voltar atrás ideológica ou materialmente. Não se trata apenas de que “Deus” esteja morto, mas a “Deusa” também está. Em relação a objetos como componentes biotípicos, pode-se pensar não em termos de propriedades essenciais, mas em relação a estratégias de configuração, coações de limites, taxas de fluxos, lógicas dos sistemas, custo das coações ameaçadoras. A reprodução sexual é um tipo de estratégia reprodutiva dentre muitas, com custos e benefícios como qualquer função do ambiente do sistema. As ideologias da reprodução sexual não podem mais considerar as noções de sexo e papel sexual como aspectos orgânicos em objetos naturais, tais como organismos e famílias. Tal raciocínio será desmascarado como irracional, e, ironicamente, executivos pertencentes às mais importantes corporações, leitores de *Playboy* e feministas radicais antipornografia farão estranhas alianças no sentido de desmascarar conjuntamente o irracionalismo.

Assim como no tocante à raça, as ideologias sobre a diversidade humana têm de ser formuladas em termos de frequência de parâmetros, tais como grupo sanguíneos ou níveis de inteligência. É “irracional” invocar conceitos tais como primitivo e civilizado. Para os liberais e radicais, a procura de sistemas sociais integrados cede lugar a uma nova prática chamada “etnografia experimental”, na qual um objeto orgânico se desintegra em atenção ao jogo da escritura. No nível da ideologia, vemos traduções de racismo e colonialismo em linguagens do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, taxas e coerções de modernização. Quaisquer objetos ou pessoas podem ser razoavelmente pensados em termos de desmontagem e remontagem; nenhuma arquitetura “natural” coage o desenho sistêmico. Os lugares onde se encontram os grandes grupos financeiros em todas as cida-

des do mundo, bem como as zonas de processamento da exportação e comércio livre, proclamam este fato elementar do “capitalismo tardio”. O universo inteiro dos objetos que podem ser conhecidos cientificamente deve ser formulado como problema de engenharia e comunicações (para os gerentes) ou teorias do texto (para aqueles que resistissem). Ambas são semiologias dos *cyborgs*.

Poder-se-iam esperar estratégias de controle para concentrar-se em condições-limite e interfaces, em taxas de flutuação através das fronteiras — a não integridade dos objetos naturais. A “integridade” ou a “sinceridade” do eu ocidental dá lugar a procedimentos de decisão e a sistemas de competência. Por exemplo, as estratégias de controle, aplicadas à capacidade da mulher dar à luz novos seres humanos, serão desenvolvidas nas linguagens do controle populacional e na maximização da conquista dos objetivos pelos indivíduos responsáveis pelas tomadas de decisão. As estratégias de controle serão formuladas em termos de tabelas, custos das coerções, graus de liberdade. Os seres humanos, assim como qualquer outro componente ou subsistema, devem ser localizados numa arquitetura sistêmica cujos modos básicos de operação são probabilísticos e estatísticos. Nenhum objeto, espaço ou corpo é sagrado em si mesmo; qualquer componente pode ser relacionado a qualquer outro se o próprio parâmetro, o próprio código for construído a fim de processar sinais numa linguagem comum. A troca, neste mundo, transcende a translação universal, afetada pelos mercados capitalistas que Marx analisou tão bem. A patologia privilegiada, que afeta todos os tipos de componentes neste universo, é a tensão total — um colapso nas comunicações.¹⁶ O *cyborg* simula a política, um campo de operações muito mais potente.

Este tipo de análise dos objetos científicos e culturais do conhecimento, que historicamente apareceram desde a Segunda Guerra Mundial, nos preparam para perceber algumas inadequações importantes na análise feminista, que tem procedido como se os dualismos orgânicos e hierárquicos, que ordenam o discurso no “Ocidente” desde Aristóteles, ainda estivessem em vigor. Eles foram canibalizados ou, como Zoe Sofia (Sofoulis) poderia dizer, foram “tecnodigeridos”. As dicotomias entre grupo e mente, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado estão sendo tratadas ideologicamente. A situação real das mulheres é

a sua integração/exploração num sistema mundial de produção/reprodução e comunicação, chamada informática da dominação. A casa, o local de trabalho, o mercado, o espaço público, o próprio corpo — todos podem ser dispersos e postos lado a lado a maneiras quase infinitas, polimórficas, com imensas conseqüências para as mulheres e para os demais — conseqüências estas que são muito diferentes para pessoas diferentes e que tornam os poderosos movimentos oposicionistas internacionais difíceis de serem imaginados, embora essenciais à sobrevivência. Um importante caminho para a reconstrução da política socialista-feminista é construído através da teoria e da prática dirigidas às relações sociais da ciência e da tecnologia, aí incluindo, crucialmente, os sistemas de mitos e significados que estruturam nosso imaginário. O *cyborg* é um tipo de eu desmontado e remontado, coletivo, no sentido pós-moderno e pessoal. Este é o eu que as feministas devem codificar.

As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são os instrumentos cruciais no readestramento de nossos corpos. Estes instrumentos incorporam e reforçam as novas relações sociais para as mulheres do mundo inteiro. As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente entendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das interações sociais fluidas que os constituem, mas deveriam também ser vistos como instrumentos para reforçar os significados. A fronteira é permeável entre instrumento e mito, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas de corpos possíveis, aí incluindo objetos de conhecimento. Na verdade, mito e instrumento se constituem mutuamente.

Além disso, as ciências da comunicação e as biológicas modernas são construídas por um movimento comum — a tradução do mundo para um problema de codificação, uma busca de uma linguagem comum na qual toda a resistência ao controle instrumental desapareça e toda a heterogeneidade possa ser submetida à desmontagem, à remontagem, ao investimento e à troca.

Nas ciências da comunicação, a tradução do mundo para um problema de codificação pode ser ilustrada quando se olham as teorias de sistemas cibernéticos (controladas por retroalimentação) aplicadas à tecnologia do telefone, ao desenho de computadores, ao desenvolvimento armamentista ou à construção e manutenção de base de referência. Em cada caso, a solução para

as perguntas-chave se encontra numa teoria da linguagem e do controle; a operação-chave vai determinar as taxas, as direções e as probabilidades de fluxo de uma quantidade chamada informação. O mundo se encontra subdividido em fronteiras diferentemente permeáveis à informação. Esta nada mais é do que um tipo de elemento quantificável (unidade, base de unidade) que permite uma tradução universal, e, nesta medida, um poder instrumental desimpedido (chamado de comunicação efetiva). A maior ameaça a este poder é a denominada interrupção da comunicação. Qualquer pane no sistema significa tensão. Os fundamentos desta tecnologia podem ser condensados na metáfora do C³i, comando-controle-comunicação-inteligência, o símbolo militar para a sua teoria das operações.

Nas biológicas modernas, a tradução do mundo para um problema de codificação pode ser ilustrada através da genética molecular, da ecologia, da teoria da evolução biológica e da imunobiologia. O organismo foi traduzido em problemas de codificação genética e interpretação. A biotecnologia, uma tecnologia da escritura, informa amplamente a investigação.¹⁷ Num certo sentido, os organismos deixaram de existir enquanto objetos de conhecimento, dando lugar a componentes bióticos, isto é, tipos especiais de mecanismos processadores de informação. Os movimentos análogos no que tange à ecologia poderiam ser examinados através da sondagem da história e da utilidade do conceito de ecossistema. A imunobiologia e as práticas médicas associadas representam exemplos importantes do privilégio dos sistemas de codificação e reconhecimento como objetos de conhecimento, como construções da realidade corporal para nós. A biologia se apresenta como um tipo de criptografia; a pesquisa é necessariamente um tipo de atividade da inteligência. As ironias são abundantes. Um sistema sobrecarregado funciona mal; sua comunicação entra em colapso e é reconhecida a diferença entre o eu e o outro. Os bebês humanos com corações de babuínos evocam uma perplexidade ética nacional — não só para os defensores dos animais como também para os guardiães da pureza humana. Os homossexuais, os imigrantes haitianos e os usuários de drogas intravenosas são as vítimas “privilegiadas” de uma terrível doença do sistema imunológico que marca (inscreve no corpo) a confusão de fronteiras e a poluição moral.

Mas essas excursões às ciências das comunicações e à biolo-

gia foram feitas num nível rarefeito; há uma realidade mundana e altamente econômica a sustentar minha reclamação de que estas ciências e tecnologias indicam transformações estruturais extremamente significativas. As tecnologias das comunicações dependem da eletrônica. Os estados modernos, as empresas multinacionais, o poder militar, os aparelhos estatais do bem-estar, os sistemas de satélites, os processos políticos, a fabricação do nosso imaginário, os sistemas de controle do trabalho, as construções médicas dos nossos corpos, a pornografia comercial, a divisão internacional do trabalho e a pregação religiosa dependem intimamente da eletrônica. A microeletrônica é a base técnica dos simulacros, isto é, das cópias sem original.

A microeletrônica vai mediar as traduções de “trabalho” em robótica e processamento de palavras; de “sexo” em engenharia genética e tecnologias da reprodução; de mente em inteligência artificial e processos de decisão. As novas biotecnologias vão além da reprodução humana. A biologia, enquanto ciência poderosa da engenharia na reconfiguração dos materiais e processos, tem implicações revolucionárias para a indústria, talvez mais evidentes hoje em áreas de fermentação, agricultura e energia. As ciências da comunicação e a biologia são construções de objetos de conhecimento naturais e técnicos nos quais a diferença entre máquina e organismo se encontra completamente difusa; a mente, o corpo e a ferramenta se relacionam intimamente. A organização material “multinacional” da produção e da reprodução da vida diária e a organização simbólica da produção e da reprodução da cultura e da imaginação parecem estar igualmente implicadas. As imagens que mantêm a fronteira entre a base e a superestrutura, público e privado, material e ideal nunca pareceram tão frágeis.

Usei a imagem de Rachel Grossman, das mulheres no circuito integrado, para nomear a situação feminina num mundo intimamente reestruturado através das relações sociais da ciência e da tecnologia.¹⁸ Uso a perífrase ímpar “as relações sociais da ciência e da tecnologia” para indicar que não estamos lidando com um determinismo tecnológico, mas com um sistema histórico que depende de relações estruturadas entre as pessoas. Mas o sintagma também deveria indicar que a ciência e a tecnologia nos fornecem fontes frescas de poder, e que necessitamos de fontes frescas de análise e de ação política.¹⁹ Alguns dos rearranjos de

raça, sexo e classe, enraizados nas relações sociais engendradas pela alta tecnologia, podem tornar o feminismo socialista mais relevante para uma efetiva política progressiva.

A ECONOMIA DO TRABALHO DOMÉSTICO

A “nova revolução industrial” está produzindo uma nova classe trabalhadora universal. A extrema mobilidade do capital e a emergente divisão internacional do trabalho estão ligadas à emergência de novas comunidades e ao enfraquecimento dos grupos familiares. Estes desenvolvimentos não são neutros nem do ponto de vista do gênero nem da raça. Os homens brancos, em sociedades industriais avançadas, tornaram-se recentemente vulneráveis à perda de empregos permanentes e as mulheres não estão desaparecendo das listas de trabalho nas mesmas taxas que os homens. Isto não quer dizer simplesmente que as mulheres dos países do Terceiro Mundo sejam a força de trabalho preferida das multinacionais que operam com as ciências nos setores de processamento exportador, particularmente na eletrônica. O quadro é mais sistemático e envolve a reprodução, a sexualidade, a cultura, o consumo e a produção. No prototípico Silicon Valley, as vidas de muitas mulheres se estruturaram em torno de emprego em trabalhos dependentes da eletrônica e suas realidades íntimas incluíam a monogamia heterossexual em série, creches que faziam parte das negociações de contratos, distância dos parentes mais ou menos próximos e de muitas outras formas de comunidade tradicional, além da alta probabilidade de solidão e a extrema vulnerabilidade econômica durante a velhice. A diversidade étnica e racial das mulheres no Silicon Valley estrutura um microsistema de diferenças conflitantes no tocante à cultura, família, religião, educação e linguagem.

Richard Gordon chamou esta nova situação de “economia do trabalho doméstico”.²⁰ Embora este autor inclua o fenômeno do trabalho doméstico literal, emergindo em conexão com a montagem eletrônica, ele usa economia do trabalho doméstico para referir-se à reestruturação do trabalho que possua largamente as características outrora atribuídas aos trabalhos femininos, trabalhos literalmente feitos apenas por mulheres. O trabalho está sendo redefinido como literalmente feminino e feminizado, não

importando se feito por homens ou mulheres. Ser feminizado significa possuir uma extrema vulnerabilidade; significa tornar-se capaz de ser desmontado, remontado e explorado como uma força de trabalho reserva; significa ver os trabalhadores como servos sujeitos a rearranjos de tempo no e fora do trabalho pago, o que constitui um pastiche do dia de trabalho limitado e conduz a uma existência que sempre margeia o obscuro, o deslocado, o redutível ao sexo. A desqualificação é uma velha estratégia recentemente aplicada a trabalhadores anteriormente privilegiados. No entanto, a economia do trabalho doméstico não se refere apenas à desqualificação em larga escala, nem tampouco nega que novas áreas de alta especialização estejam surgindo, mesmo para mulheres e homens previamente excluídos de um emprego especializado. O conceito indica, antes, que a fábrica, a casa e o mercado estão integrados a uma nova escala e que o lugar das mulheres se apresenta como crucial — e necessita ser analisado a partir de diferenças entre mulheres e de significados nas relações entre homens e mulheres em situações várias.

A economia do trabalho doméstico como uma estrutura organizacional do mundo capitalista se tornou possível (e não causada por) graças às novas tecnologias. O sucesso do ataque ao trabalho de homens sindicalizados, relativamente privilegiados, na sua maioria brancos, liga-se ao poder das novas tecnologias comunicacionais para integrar e controlar o trabalho, apesar da extensa dispersão e da descentralização. As conseqüências das novas tecnologias são sentidas pelas mulheres tanto na perda do salário familiar (masculino), caso tivessem tido acesso a este privilégio dos brancos, como no tipo dos seus próprios trabalhos, que se tornaram ligados ao capital como, por exemplo, trabalhos burocráticos e relativos à enfermagem.

Os novos arranjos econômicos e tecnológicos se encontram também ligados ao estado calamitoso da previdência social e à conseqüente intensificação da responsabilidade das mulheres, no sentido de sustentarem a si, aos homens, às crianças, e aos idosos. A feminização da pobreza — gerada pelo desmantelamento da previdência social e pela economia de trabalho doméstico, onde os empregos estáveis tornaram-se exceção, é sustentada pela expectativa de que o salário das mulheres não será associado ao do homem para sustentar as crianças — tornou-se um foco urgente. As causas das várias mulheres-chefes-de-família são uma função da raça, da classe ou da sexualidade; mas sua generalida-

de crescente se apresenta como um solo profícuo às coalizões de mulheres em muitas reivindicações. O fato de as mulheres frequentemente sustentarem a casa parcialmente, como uma função do seu estatuto forçado de mães, não é nada novo; o tipo de integração à economia fundamentalmente capitalista e progressivamente baseada na privação é novo. A pressão, por exemplo, sobre as mulheres negras norte-americanas, que conseguiram escapar do serviço doméstico (mal) pago e que agora obtiveram um tipo de trabalho burocrático ou similar em larga escala, tem grandes implicações para a contínua e sempre reforçada pobreza dos negros “que possuem” emprego. As adolescentes em áreas em vias de industrialização do Terceiro Mundo tornam-se cada vez mais a única ou mais importante fonte de renda das suas famílias, enquanto o direito à terra é muito problemático. Estes desenvolvimentos devem ter conseqüências maiores para a psicodinâmica e política de gênero e raça.

Dentro do quadro geral dos três maiores estágios do capitalismo (comercial/industrial primário, monopolista, multinacional) — ligados ao nacionalismo, e, segundo Jameson, associados aos três períodos estéticos dominantes: realismo, modernismo e pós-modernismo —, gostaria de argumentar que as formas específicas de famílias relacionam-se dialeticamente com as formas de concomitâncias culturais e políticas. Embora convivam de maneira problemática e não-equânime, as formas ideais dessas famílias poderiam ser esquematizadas assim: (I) a família nuclear patriarcal, estribada na dicotomia entre o público e o privado, e acompanhada da ideologia burguesa branca de esferas separadas e do feminismo burguês anglo-americano do século XIX; (II) a família moderna, mediada (e reforçada) pela previdência social e instituições tais como o salário familiar, e acompanhada pelo florescimento das ideologias heterossexuais não-feministas, incluindo-se aí suas versões radicais representadas em Greenwich Village por volta da Primeira Guerra Mundial e (III) a “família” da economia de trabalho doméstico com sua estrutura de oxímoros de mulheres-chefes-de-família e suas explosões de feminismos e a paradoxal intensificação e erosão do próprio gênero.

Este é o contexto no qual as projeções do desemprego estrutural mundial represadas pelas novas tecnologias fazem parte do quadro da economia de trabalho doméstico. À medida que a robótica ou as tecnologias afins colocam os homens fora do traba-

lho nos países “desenvolvidos” e exacerbam o fracasso no gerar trabalhos masculinos, no Terceiro Mundo “em desenvolvimento”, à medida que o trabalho automatizado se torna a regra em países onde há uma superprodução de trabalho, a feminização do trabalho intensifica-se. As mulheres negras nos Estados Unidos conhecem, já há algum tempo, o que significa olhar de perto o subemprego estrutural (feminização) dos homens negros, assim como suas próprias posições altamente vulneráveis na economia salarial. Há muito tempo não é mais segredo que a sexualidade, reprodução, família e a vida comunitária estão interligadas a esta estrutura econômica de diversas formas, que também diferenciaram as várias situações em que se encontram as mulheres brancas e as mulheres negras. Muito mais homens e mulheres se debaterão com situações semelhantes, o que acarretará alianças de gênero e de raça a respeito de manutenção básica de sobrevivência (com ou sem empregos), pontos necessários, não menos agradáveis.

As novas tecnologias têm também um profundo efeito na fome e na produção de alimento para a subsistência mundial. Rae Lessor Blumberg calcula que as mulheres produzem em torno de 50% da comida de subsistência mundial.^{21*} Estas mulheres são geralmente excluídas dos benefícios trazidos pela mercantilização da alta tecnologia de alimentos e colheitas energéticas. Seus dias se tornam mais árduos porque suas responsabilidades de prover a subsistência não diminuem e suas situações produtivas tornam-se mais complexas. As tecnologias da Revolução Verde interagem com outra produção industrial de alta tecnologia, alterando as divisões genéricas do trabalho, e padrões migratórios genéricos diferenciais.

* A conjunção entre as relações sociais da Revolução Verde com as biotecnologias, tais como a engenharia genética das plantas, faz pressão sobre as do Terceiro Mundo de uma maneira muito intensa. As estatísticas sobre auxílios (*New York Times*, 14 de outubro de 1984) usadas no Dia Internacional da Comida de 1984, mostraram que, na África, as mulheres produzem em torno de 90% dos produtos agrícolas; mais ou menos entre 60-80%, na Ásia e provêm 40% do trabalho na agricultura no Oriente Próximo e na América Latina. Blumberg acusa que as políticas agrícolas das organizações mundiais, bem como aquelas dos governos nacionais e multinacionais no Terceiro Mundo, geralmente ignoram problemas fundamentais na divisão sexual do trabalho. A presente tragédia da fome na África pode ser creditada tanto à supremacia masculina quanto ao capitalismo, ao colonialismo e aos padrões de chuva. Mais acuradamente, o capitalismo e o racismo geralmente são dominantes estruturalmente masculinas.

As novas tecnologias parecem profundamente envolvidas com formas de “privatização” que Ros Petchesky analisou, nas quais interagem sinergeticamente os dados: militarização, políticas e ideologias de família de direita e definições intensificadas de propriedades de corporação como elemento privado.²² As novas tecnologias das comunicações são fundamentais para a erradicação da “vida pública” para todas as pessoas. Isto facilita o alargamento de uma instituição militar de permanente alta tecnologia às expensas culturais e econômicas de muitas pessoas, mas especialmente das mulheres. As tecnologias, tais como vídeo-games e televisões altamente miniaturizadas, parecem cruciais na produção de modernas formas de “vida privada”. A cultura dos vídeo-games está pesadamente orientada para a competição individual e para a guerra extraterrestre.

As novas tecnologias afetam as relações sociais tanto no aspecto da sexualidade quanto no da reprodução, e nem sempre da mesma maneira. Os laços bastante estreitos entre sexualidade e instrumentalidade, entre visões do corpo como um tipo de satisfação privada — e máquina de utilização máxima — são descritos de maneira muito agradável nas histórias de origem sociobiológica que acentuam um cálculo genético e explicam a inevitável dialética da dominação dos papéis genéricos masculinos e femininos.²³ Estas histórias sociobiológicas dependem de uma visão de alta tecnologia do corpo como um componente biótico ou um sistema cibernético das comunicações. Dentre as muitas transformações das situações reprodutivas, podemos encontrar uma de ordem médica, na qual o corpo das mulheres possui fronteiras altamente permeáveis tanto pela “visualização” quanto pela “intervenção”. Naturalmente, o que controla a interpretação das fronteiras corporais em termos de hermenêutica médica é uma questão feminista da maior importância. O espéculo serviu como um ícone através do qual as mulheres reivindicaram seu corpo na década de 70: este instrumento manufaturado mostrava-se inadequado para expressar nossa necessária política do corpo na negociação da realidade nas práticas de reprodução *cyborg*. Auto-ajuda não é suficiente. As tecnologias da visualização retomam a importante prática cultural de caçar com a câmera e com a natureza profundamente predatória da consciência fotográfica.²⁴ Sexo, sexualidade e reprodução representam atores centrais em sistemas míticos de alta tecnologia que estruturaram nosso imaginário de possibilidades pessoais e sociais.

Um outro aspecto crítico das relações sociais das novas tecnologias se refere à reformulação das expectativas da cultura, do trabalho e da reprodução para a ampla força de trabalho científica e técnica. Um dos grandes perigos de ordem social e política está ligado à formação de uma forte estrutura social biorientada, com os milhares de homens e mulheres de todos os grupos étnicos, mas especialmente com as pessoas de cor, confinadas a um trabalho de economia doméstica, ao analfabetismo com suas várias conotações, à impotência e redundância gerais, controlados por aparelhos repressivos de alta tecnologia, estendendo-se do lazer à vigilância e à morte. Uma política feminista-socialista adequada deve se dirigir às mulheres em categorias ocupacionais privilegiadas e, particularmente, àquelas que se relacionam com a produção da ciência e da tecnologia, construtoras dos discursos técnicos, dos processos e dos objetos.²⁵

Este problema pode ser visto como um aspecto a ser observado dentre as possibilidades de uma ciência feminista, mas é importante. Que tipo de papel constitutivo na produção do conhecimento, da imaginação e da prática podem ter os novos grupos que fazem ciência? De que forma estes grupos podem aliar-se a movimentos sociais e políticos progressistas? Que tipo de responsabilidade política pode ser construída a fim de unir as mulheres através das hierarquias tecnocientíficas que nos separam? Haveria meios de desenvolver uma política científico-tecnológica feminista aliada aos grupos de ação para conversão a práticas científicas antimilitares? Muitos trabalhadores científicos e técnicos de Silicon Valley, inclusive os vaqueiros da alta tecnologia, não querem trabalhar com a ciência militar.²⁶ Será que estas preferências pessoais e estas tendências culturais podem ligar-se a uma política progressista no seio de profissionais de classe média, entre os quais as mulheres, inclusive as mulheres de cor, estão se tornando numerosas?

AS MULHERES NO CIRCUITO INTEGRADO

Deixem-me resumir o quadro da localização histórica das mulheres nas sociedades industriais avançadas, de forma a mostrar a maneira como essas posições foram reestruturadas parcialmente, levando-se em consideração as relações sociais da ciência e da tecnologia. Se algum dia for possível caracterizar ideologicamente

as vidas das mulheres por meio da distinção entre os domínios público e privado — sugeridos pelas imagens da divisão da vida da classe trabalhadora entre a fábrica e a casa, da vida da burguesia entre o mercado e a casa e da existência do gênero entre esferas pessoal e política —, agora isto corresponderia a uma ideologia totalmente enganosa. Prefiro, ideologicamente, uma imagem de rede, sugerindo a profusão de espaços e identidades e a permeabilidade de fronteiras no corpo pessoal e no corpo político. “Enredar” é não só uma prática feminista, mas também uma estratégia corporativa multinacional — tecer é para *cyborgs* da oposição.

A única maneira de caracterizar a informática da dominação é mostrá-la enquanto intensificação massiva da insegurança e empobrecimento cultural, com o conseqüente fracasso das redes de subsistência para os mais vulneráveis. Na medida em que muitos elementos desse quadro se imbricam às relações sociais da ciência e da tecnologia, a urgência de uma política socialista-feminista dirigida à ciência e à tecnologia se justifica plenamente. Há muito sendo feito no momento e o solo para um trabalho político se mostra muito rico. Por exemplo, os esforços no sentido de desenvolver formas de luta coletivas feministas no caso do trabalho assalariado, tais como o District 925 do SEIU, devem ser prioritários para todos nós. Estes esforços estão profundamente ligados à reestruturação técnica do processo de trabalho e das reformas das classes trabalhadoras.

Estes esforços ainda não permitem entender um tipo mais abrangente de organização de trabalho, envolvendo comunidade, sexualidade e questões familiares nunca privilegiadas nos sindicatos industriais majoritariamente brancos e masculinos.

Os rearranjos estruturais relacionados às relações sociais da ciência e da tecnologia evocam uma enorme ambivalência. Porém, não precisamos ficar deprimidos com as implicações da relação estabelecida entre as mulheres do século XX com todos os aspectos do trabalho, da cultura, da produção, do conhecimento, da sexualidade e da reprodução. Por excelentes razões, muitos marxismos vêm melhor a denominação e têm problemas ao entender o que pode apenas parecer falsa consciência e cumplicidade das pessoas na sua própria dominação no capitalismo tardio. É importante lembrar que o que foi perdido, talvez especialmente do ponto de vista das mulheres, se apresenta sempre co-

mo formas virulentas de opressão, nostálgicamente mascaradas com a face da violação comum. A ambivalência em direção às unidades rompidas mediadas pela cultura da alta tecnologia requer não a consciência classificatória em categorias de “crítica claramente sinalizada gerando uma epistemologia política sólida” contra “falsa consciência manipulada”, mas um entendimento sutil dos poderes, experiências e prazeres emergentes e dos poderes com potenciais muito sérios de mudança das regras do jogo.

Há espaço para a esperança nas bases emergentes de novos tipos de unidades estabelecidas através dos princípios de raça, gênero e classe à medida que estas unidades elementares de análise socialista-feminista sofrem transformações protéicas. A intensificação da miséria experimentada no mundo todo, relacionada às relações sociais da ciência e da tecnologia, é muito severa. Mas o que as pessoas estão experimentando não é transparente e perdemos as conexões sutis suficientes para a construção coletiva de teorias de experiência efetivas. Os presentes esforços — marxistas, psicanalíticos, feministas e antropológicos — no sentido de clarificar até mesmo “nossa” experiência têm-se mostrado rudimentares.

Estou plenamente consciente da perspectiva singular fornecida por minha posição histórica — uma doutora em biologia, nascida católica e de origem irlandesa, só se tornou possível a partir do impacto gerado pelo *Sputnik* sobre a política educacional norte-americana referente às ciências. Tenho um corpo e uma mente construídos tanto a partir dos elementos formadores da corrida armamentista posterior à Segunda Guerra Mundial e à guerra fria quanto aos movimentos feministas. Há mais espaço para a esperança se nos detivermos nos efeitos contraditórios da política destinada a produzir leis tecnocratas norte-americanos, mas que produziu também grande número de dissidentes, do que se nos concentrarmos nas derrotas presentes.

A permanente parcialidade dos pontos de vista feministas acarreta conseqüências para a nossa expectativa de formas de organização política e de participação. Não necessitamos de uma totalidade para que trabalhe melhor. O sonho feminista de uma linguagem comum, como todos os sonhos de uma linguagem perfeitamente verdadeira, de uma forma de nomear a experiência perfeitamente fiel, é totalizante e imperialista. Neste sentido, também a dialética significa uma linguagem de sonho, am-

bicionando resolver a contradição. Talvez, de forma irônica, possamos aprender nossas fusões com os animais e máquinas como não ser Homem, a corporificação do *logos* ocidental. Do ponto de vista do prazer nestas fusões poderosas e acima de elementos tabu, tornadas inevitáveis pelas relações sociais da ciência e da tecnologia, deveria realmente existir uma ciência feminista.

CYBORG: UM MITO DA IDENTIDADE POLÍTICA

Gostaria de concluir com um mito sobre identidade e fronteiras que poderia informar o imaginário político dos últimos decênios do século XX. Em relação a esta história, devo expressar minha gratidão a escritores como Joanna Russ, Samuel Delaney, John Varley, James Tiptree Jr., Octavia Butler, Monique Wittig e Vonda McIntyre.²⁷ Estes são nossos contadores de histórias a explorar o que significa estar mergulhado em mundos de alta tecnologia. São teóricos dos *cyborgs*. Ao explicar concepções de limites do corpo e da ordem social, deve ser creditada à antropóloga Mary Douglas a ajuda em nos conscientizar sobre o quão fundamental a imagem do corpo é para uma visão do mundo e, conseqüentemente, para a linguagem política.²⁸ As feministas francesas, como Lucy Irigaray e Monique Wittig, apesar de todas as suas diferenças, sabem como escrever o corpo, como tecer o erotismo, a cosmologia e a política a partir do imaginário da corporificação e, especialmente, para Wittig, a partir das imagens, da fragmentação e da reconstituição dos corpos.²⁹

As feministas radicais norte-americanas, tais como Susan Griffin, Audre Lorde e Adrienne Rich, afetaram profundamente nosso imaginário político — e talvez tenham restringido em muito o que aceitamos como um corpo amigável e uma linguagem política.³⁰ Insistem no orgânico, opondo-o ao tecnológico. Mas seus sistemas simbólicos e as posições relativas ao ecofeminismo e ao paganismo feminista, repleto de organicismos, apenas podem ser entendidos nos termos propostos por Sandoval, no sentido de ideologias de oposição ajustadas aos últimos decênios do século XX. Simplesmente desnorteariam alguém que não estivesse preocupado com as máquinas e o nível de consciência do capitalismo tardio. Neste sentido, fazem parte do mundo *cyborg*, mas

há também grande vantagem para as feministas em explicitamente abraçar as possibilidades inerentes à ruptura de distinções límpidas entre organismo e máquina e distinções similares, responsáveis pela estruturação do eu ocidental. É exatamente a simultaneidade de rupturas que acaba com as matrizes de dominação e abre possibilidades geométricas. O que se deveria aprender a partir da poluição “tecnológica” política e pessoal? Examinarei brevemente dois grupos de textos que se superpõem por critérios de compreensão quanto à construção de um mito *cyborg* potencialmente útil: construções de mulheres de cor e seres monstruosos na ficção científica feminista.

Mais acima eu havia sugerido que as “mulheres de cor” poderiam ser entendidas como uma identidade *cyborg*, uma subjetividade potente sintetizada a partir de fusões de identidade externas. Há grades materiais e culturais a mapear este potencial. Audre Lorde captura este tom no título do seu livro *Sister Outsider*. No meu mito político, esta “irmã estranha” é uma mulher vinda de outras paragens, a quem os trabalhadores norte-americanos, femininos e feminizados, devem considerar como o inimigo que impede qualquer tipo de solidariedade entre eles, e ameaça sua segurança. Aqui, nos limites compreendidos dentro das fronteiras norte-americanas, a irmã estranha é um potencial situado em meio às muitas raças e identidades étnicas de mulheres manipuladas para a divisão, a competição e a exploração nas mesmas indústrias. As “mulheres de cor” representam o tipo de mão-de-obra preferida por estas indústrias de base científica, as mulheres reais para quem o mercado sexual mundial, o mercado de trabalho e a política da reprodução se agregam caleidoscopicamente na vida diária. As jovens mulheres coreanas contratadas para a indústria sexual de montagem de objetos eletrônicos são recrutadas em escolas secundárias, educadas para participar do circuito integrado. A alfabetização, especialmente em língua inglesa, distingue o trabalho feminino “barato” tão atrativo às multinacionais.

Ao contrário do estereótipo oriental do “primitivo oral”, a alfabetização é uma marca especial das mulheres de cor, adquirida não só pelas mulheres negras norte-americanas, como também pelos homens, através de uma história de riscos de vida para aprender a ler e a escrever, e também para ensinar. A escrita tem um significado altamente especial para todos os grupos co-

lonizados. Escrever foi algo crucial para o mito ocidental da distinção entre as culturas orais e as que possuem escrita, mentalidades primitivas e civilizadas e, mais recentemente, no que se refere à erosão de tal distinção em teorias “pós-modernistas” que atacam o falo-logocentrismo ocidental, com o seu culto à palavra monoteísta, fálica, autoritária e singular, o nome perfeito e único.³¹ As disputas envolvendo os diversos significados atribuídos à escritura representam uma forma fundamental de luta política contemporânea. A liberação do jogo da escrita é mortalmente sério. A poesia e as histórias das negras norte-americanas se relacionam recorrentemente à escrita, ao acesso ao poder de significar; mas, desta vez, tal poder não é nem fálico nem inocente. A escrita *cyborg* precisa não ser sobre a Queda, a imaginação de um todo referente ao era-uma-vez das histórias ancestrais anteriores à linguagem, à escrita, ao Homem. A escrita *cyborg* está intimamente ligada ao poder da sobrevivência, não em termos de inocência original, porém nas bases da apropriação de instrumentos para marcar o mundo que, por sua vez, marcou-os enquanto outros.

Os instrumentos são, via de regra, histórias recontadas, versões que revertem e deslocam os dualismos hierárquicos de identidades naturalizadas. Ao recontar histórias originais, os autores *cyborgs* subvertem os mitos centrais da origem da cultura ocidental. Todos fomos colonizados por estes mitos de origem, com o seu desejo de realização no apocalipse. As histórias de origem falocêntrica mais cruciais para os *cyborgs* feministas são construídas nas tecnologias literais — tecnologias que escrevem o mundo, a biotecnologia e a microeletrônica — responsáveis pela atualização recente de nossos corpos enquanto problemas de código na grande C³i. As histórias feministas *cyborg* têm como tarefa recodificar a comunicação e a inteligência para subverter os comandos e os controles.

De modo figurado e literal, a política da linguagem permeia as lutas das mulheres de cor; e as histórias a respeito da linguagem possuem um poder especial nos ricos escritos contemporâneos das mulheres de cor norte-americanas. Por exemplo, o recontar da história da mulher indígena chamada Malinche, mãe da raça mestiça e “bastarda” do novo mundo, senhora das línguas e amante de Cortés, carrega um significado muito especial para a construção da identidade *chicana*. Cherrie Moraga em sua

obra *Loving in the war years* explora os temas da identidade quando não se possuía a linguagem original, nunca contou a história original, nunca conviveu harmonicamente com a heterossexualidade legítima no jardim da cultura e, portanto, não se pode basear a identidade num mito ou numa queda da inocência e no direito aos nomes naturais, quer seja da mãe ou do pai.³² A escritura de Moraga, sua erudição soberba, é apresentada em sua poesia como um tipo de violação análoga à maestria pela qual Malinche trabalhou com a língua do conquistador — uma violação, uma produção ilegítima que permite a sobrevivência. A linguagem de Moraga não se apresenta como um “todo”, é conscientemente fragmentada, uma quimera entre o inglês e o espanhol, ambas línguas do conquistador. Porém, é este mesmo monstro quimérico, sem pretensão a uma linguagem original antes da violação, que constrói as identidades eróticas potentes e competentes das mulheres de cor. A “irmã estranha” insinua a possibilidade de uma sobrevivência mundial não devido à sua inocência, mas à sua capacidade de viver nos limites, de escrever sem o mito fundador do todo original, com o inescapável apocalipse do retorno final à unicidade mortal que o Homem imaginou ser a Mãe inocente e todo-poderosa, libertada no Juízo Final de outra espiral de apropriação pelo filho. Escrever marca o corpo de Moraga, afirma-o como corpo de uma mulher de cor, contra a possibilidade de passar para a categoria não marcada do pai americano ou para o mito orientalista da “ignorância original” de uma mãe que nunca foi. Malinche era aqui a mãe, não Eva antes de comer o fruto proibido. Escrever, afirma a “irmã estranha”, não a Mulher antes-da-queda-na-escritura exigida pela Família/falo-logocêntrica do Homem.

Escrever representa preminentemente a tecnologia dos *cyborgs*, superfícies gravadas das últimas décadas do século XX. A política *cyborg* é a luta pela linguagem e contra a perfeita comunicação, contra aquele código que traduza todos os significados perfeitamente, o dogma central do falo-logocentrismo. Eis por que a política *cyborg* insiste no barulho e advoga a poluição, rejubilando-se nas fusões ilegítimas entre animal e máquina. Estas são as ligações que fazem do Homem e da Mulher seres tão problemáticos, subvertendo a estrutura do desejo, a força imaginada para gerar a linguagem e o gênero, ao mesmo tempo que subverte a estrutura e os modos de reprodução da identidade “oci-

dental”, da natureza e da cultura, do espelho e do olho, do escravo e do senhor, do corpo e da mente. “Nós”, originalmente, não escolhemos ser *cyborgs*, mas tal escolha garante uma política liberal e uma epistemologia que imagina a reprodução dos indivíduos antes de uma infundável reprodução de “textos”.

Da perspectiva dos *cyborgs*, liberados da necessidade de implantar a política em “nossa” posição privilegiada de opressão que incorpora todas as outras dominações, a inocência dos simplesmente violados e o solo daqueles mais próximos à natureza, podemos descobrir possibilidades muito poderosas. Os diversos tipos de feminismo e de marxismo estiveram encaixados em imperativos epistemológicos ocidentais para poderem construir um sujeito revolucionário a partir da perspectiva de uma hierarquia de opressões e/ou uma posição latente de superioridade moral, inocência e uma maior aproximação da natureza. Sem ter à mão o sonho original de uma linguagem comum ou de uma simbiose também original que promete proteção contra a separação hostil “masculina”, mas tendo-o escrito no jogo de um texto que não possua uma leitura privilegiada ou uma história salvadora, reconhecer-“se” como totalmente implicado no mundo libertanos da necessidade de enraizar a política dos conceitos de identificação, partidos de vanguarda, pureza e maternidade. Despida de identidade, a raça bastarda nos ensina a respeito do poder das margens e da importância de uma mãe como Malinche. As mulheres de cor transformaram-na em mãe perversa detentora do medo masculino na mãe originalmente letrada que ensina a sobrevivência.

Não se trata apenas de desconstrução literária, mas de transformação liminar. Toda história que começa com inocência original e privilegia o retorno ao todo inventa o drama da vida como um exemplo de individuação, separação, o nascimento do eu, a tragédia da autonomia, a queda na escritura, a alienação, isto é, a guerra, temperada com a suspensão imaginária no seio do Outro. Estas tramas são governadas por uma política reprodutiva — renascimento sem falha, perfeição, abstração. Neste enredo, as mulheres são pensadas mais ou menos como exterioridade, mas todas concordam que possuem menos identidade, uma individuação mais fraca, maior relação com o oral, com a Mãe, estando em jogo na autonomia masculina. Mas há um outro caminho para ter menos em jogo na autonomia masculina, um ca-

minho que não passa pela Mulher, pelo Primitivo, pelo Zero, o Estágio do Espelho e o seu imaginário. Passa pelas mulheres e outros *cyborgs* ilegítimos do tempo presente não nascidos de uma mulher, que recusam as fontes ideológicas de vitimização como se fosse para possuir uma vida real. Estes *cyborgs* são as pessoas que se recusam a desaparecer na sugestão, não importando em absoluto quantas vezes um comentarista “ocidental” observe a sobrevivência de outro primitivo, de outro grupo orgânico transformado pela tecnologia “ocidental”, pela escritura.³³ Estes *cyborgs* da vida real, por exemplo, as trabalhadoras pertencentes a pequenas cidades do Sudeste Asiático, que têm empregos em firmas de materiais eletrônicos japonesas e norte-americanas descritas por Aiwa Oig, estão reescrevendo ativamente os textos dos seus corpos e sociedades. A sobrevivência representa os pilares neste jogo de leituras.

Recapitulando, devemos dizer que certos dualismos foram persistentes nas tradições ocidentais, todos apresentando-se como sistêmicos para a lógica e as práticas de dominação da mulher, das pessoas de cor, da natureza, dos trabalhadores, dos animais — em suma, dominação de todos que se constituem em “outros”, cuja tarefa é refletir o eu. Os principais destes dualismos inquietantes se referem a eu/outro, corpo/mente, cultura/natureza, macho/fêmea, civilizado/primitivo, realidade/aparência, todo/parte, agente/recurso, criador/criado, ativo/passivo, certo/errado, verdade/ilusão, total/parcial, Deus/homem. O eu é o uno que não se encontra dominado, que conhece isto através do serviço do outro. O outro é aquele que sustenta o futuro, que conhece isto através da experiência da dominação, que fornece a mentira à autonomia do eu. Ser uno é possuir autonomia, poder, em suma, ser Deus; mas ser uno também significa ser uma ilusão e, neste sentido, estar envolvido numa dialética do apocalipse com o outro. Já ser o outro é possuir a multiplicidade, sem fronteiras claras, encontrar-se esgarçado, sem substância. O uno é muito pouco, mas o duo é demais.

A cultura de alta tecnologia desafia estes dualismos de modo intrigante. Não fica claro quem faz e quem é feito na relação entre homem e máquina. Não fica claro o que é mente e o que é corpo em máquinas que se resolvem através de práticas de codificação. Na medida em que os conhecemos tanto no discurso formal (por exemplo, a biologia) como na prática diária (por exem-

plo, a economia de trabalho doméstico num circuito integrado), encontramos como *cyborgs* híbridos, mosaicos, quimeras. Os organismos biológicos transformam-se em sistemas bióticos, inventos comunicacionais dentre muitos outros. Não existe uma separação ontológica, fundamental em nosso conhecimento formal da máquina e do organismo, do técnico e do orgânico.

Uma consequência é que nosso senso de conexão com nossos instrumentos aumenta. O estado de transe experimentado por muitos usuários de computadores tornou-se um elemento dos filmes de ficção científica e de piadas culturais. Talvez os paraplégicos e outras pessoas com sérios defeitos físicos possam ter (e às vezes têm) experiências mais intensas dessa hibridização complexa com outros inventos comunicacionais. Anne McCaffrey, em seu livro *The ship who sang*, explorou a consciência de um *cyborg*, uma mistura híbrida do cérebro de uma menina e de uma maquinaria muito complexa, formada depois do nascimento de uma criança com inúmeras deficiências físicas. Gênero, sexualidade, conformação e habilidade, todos foram reconstituídos na história. Por que nossos corpos têm de terminar dentro da pele ou incluir, na melhor das hipóteses, outros seres encapsulados por ela? A partir do século XVII até hoje, as máquinas podem adquirir vida — receber almas-fantasmas a fim de fazê-las falar ou mover-se ou ainda responder por seu futuro desenvolvimento e suas capacidades mentais. Ou, ao contrário, os organismos podem ser mecanizados — reduzidos a corpo entendido como um recurso da mente. Estas relações máquina/organismo são obsoletas, desnecessárias. Para nós, em nossa imaginação e em outra prática, as máquinas são vistas como invenções protéticas, componentes íntimos, seres amigáveis. Não temos necessidade de um holismo orgânico que assegure um todo impermeável, da mulher total e suas variantes feministas (mutantes?). Deixem-me concluir este ponto por uma leitura muito parcial da lógica dos monstros *cyborgs* pertencentes ao meu segundo grupo de textos, a ficção científica feminista.

Os *cyborgs* que povoam a ficção científica feminista tornam bastante problemáticos os status de homem ou de mulher, de humano, artefato, membro de uma raça, de identidade individual, ou de corpo. Katie King esclarece como o prazer de leitura dessas ficções não se encontra largamente baseado na identificação. Os estudantes que deparavam com a obra de Joanna Russ pela

primeira vez, estudantes que aprenderam a considerar as obras de escritores modernistas como James Joyce e Virginia Woolf sem hesitar, não sabiam o que fazer diante de *The adventures of Alyx* ou *The female man*, nos quais os personagens recusam a procura do leitor pela totalidade inocente, ao mesmo tempo em que asseguram o desejo de uma busca heróica, um erotismo exuberante e uma política séria. *The female man* é a história das quatro versões de um genótipo, que, ao se reunirem, resolvem os dilemas da ação moral violenta, mas, mesmo tomados em conjunto, não formam um todo nem deslocam o escândalo crescente do gênero. A ficção científica feminista de Samuel Delaney, especialmente *Tales of Neveryon*, debocha das estórias de origem ao refazer a revolução neolítica, repetindo os movimentos da civilização ocidental para subverter sua plausibilidade. James Tiptree Jr., um autor cuja ficção era olhada como particularmente varonil até que o gênero dela, seu “verdadeiro” gênero, fosse revelado, conta-nos histórias sobre reprodução, com base em tecnologias não-mamíferas tais como alternância de gerações ou bolsas masurpiais dos machos para chocar ninhadas e amamentação masculina. John Varley constrói um *cyborg* supremo em sua arquifeminista exploração de Gea, uma louca deusa-planeta-malandra-mulher-velha-invenção tecnológica em cuja superfície um batalhão extraordinário de simbioses pós-*cyborg* se encontra em gestação. Octavia Butler escreve a respeito de uma feiticeira africana que opõe seus poderes de transformação às manipulações genéticas de sua rival (*Wild seed*) ou ainda, em *Kindred*, fala a respeito das urdiduras do tempo que trazem uma negra norte-americana moderna de volta à época da escravidão, onde suas ações em relação ao seu senhor ancestral branco determinam a possibilidade do seu próprio nascimento e, finalmente, em *Survivor* contra as percepções ilegítimas sobre identidade e comunidade de uma criança adotada e pertencente a espécies mutantes, que termina por descobrir o seu inimigo representado pelo próprio eu.

Devido ao fato de ser particularmente rica em transgressões de limites, a obra “Superluminal”, de Vonda McIntyre, pode encerrar este catálogo truncado de monstros promissores que ajudam a redefinir os prazeres e a política de corporificação e dos escritos feministas. Numa ficção em que nenhum personagem é “simplesmente” humano, o status humano se apresenta como

altamente problemático. Orca, um escafandrista com sinais de alteração genética, pode comunicar-se com baleias assassinas e sobreviver no oceano profundo, mas, ao mesmo tempo, “ela” ambiciona explorar o espaço como se fora um piloto, necessitando, para tanto, de implantes biônicos que maculam seu parentesco com os mergulhadores e os cetáceos. Tais transformações são levadas a cabo por meio de vetores virais, portadores de um novo código de desenvolvimento, ou de transplante cirúrgico ou de implantes de invenções microeletrônicas ou de duplos analógicos e outros meios. Laenea transforma-se em piloto ao aceitar um implante de coração e ser portadora de outras alterações que permitam a sobrevivência no trânsito a velocidades que excedam a da luz. Radu Dracul sobrevive a uma praga causada por vírus em seu planeta extraterreno a fim de encontrar um sentido do tempo que altere as fronteiras da percepção espacial para todas as espécies. Todos os personagens exploram os limites da linguagem, o sonho da comunicação de experiência e a necessidade de limitação, parcialidade e intimidade, mesmo em mundos ligados a transformações e conexões protéicas.

Os monstros sempre definiram os limites da comunidade nas imaginações ocidentais. Os centauros e amazonas da Grécia Antiga estabeleceram os limites de uma pólis centrada no ser humano grego do sexo masculino através da sua ruptura do matrimônio e das poluições das fronteiras do guerreiro com a animalidade e a mulher. Irmãos gêmeos inseparáveis e hermafroditas representam o confuso material humano na França moderna, que estabeleceu o discurso a respeito do natural e do sobrenatural, do médico e do legal, dos presságios e doenças — todos estes encarados como elementos cruciais no estabelecimento da identidade moderna.³⁴ As ciências evolucionárias e comportamentais de macacos e chimpanzés marcaram as fronteiras múltiplas das identidades industriais das últimas décadas do século XX. Os monstros *cyborgs* pertencentes à ficção científica feminista definem possibilidades e limites políticos bastante diferentes daqueles propostos pela ficção mundana de Homem e Mulher.

Há muitas conseqüências quando se toma a imagem dos *cyborgs* de forma diferente daquela de nossos simples inimigos. Nossos corpos, nós mesmos; os corpos são mapas de poder e identidade. Os *cyborgs* não representam nenhuma exceção. Um corpo de *cyborg* não é inocente, não apareceu sozinho num jardim;

não busca uma identidade unitária e, a partir daí, gera dualismos antagônicos sem fim (ou até o fim do mundo); conta com a ironia. Um é muito pouco e dois é apenas uma possibilidade. Um intenso prazer na destreza, destreza da máquina, deixa de ser um pecado, mas um aspecto da corporificação. A máquina não é um “ente” a ser animado, venerado e dominado. A máquina somos nós, nossos processos, um aspecto de nossa corporificação. Podemos ser responsáveis pelas máquinas; “elas” não nos dominam ou amedrontam. Somos responsáveis pelas fronteiras; somos estas mesmas fronteiras. Até agora (era uma vez), a corporificação feminina parecia significar uma habilidade de ser mãe e suas extensões metafóricas. Apenas quando nos situamos fora do lugar, podemos ter prazer com as máquinas e, então, com desculpas de que isto seria uma atividade orgânica, afinal de contas, apropriada às mulheres. Os *cyborgs* poderiam considerar mais seriamente o aspecto sexual parcial, fluido, às vezes, e a corporificação do sexo. O gênero, no fim das contas, não deve ser considerado uma identidade global.

A questão, cheia de carga ideológica sobre o que conta como atividade diária, como experiência, pode ser abordada explorando-se a imagem do *cyborg*. As feministas recentemente reclamaram de que as mulheres se voltam para o cotidiano, que as mulheres, mais que os homens, de alguma maneira sustentam a vida diária e que, portanto, possuíam potencialmente uma posição epistemológica privilegiada. Há um aspecto constrangedor nesta queixa, aquele que torna visível a atividade feminina desvalorizada e a nomeia como uma base da vida. Mas, a base da vida? O que, então, dizer de toda a ignorância das mulheres, todas as exclusões e falhas de conhecimento e de habilidade? O que dizer de outras corporificações? O gênero do *cyborg* é uma possibilidade local que assegura uma vingança de todas as partes. Não existe um esforço nos *cyborgs* para produzir uma teoria total, mas há uma íntima experiência das fronteiras, sua construção e desconstrução. Podemos encontrar um sistema mítico à espera de tornar-se uma linguagem política para fundamentar uma maneira de olhar a ciência e a tecnologia e de desafiar a informática da dominação.

Uma última imagem: organismo e política holística do organismo dependem de metáforas do renascimento e invariavelmente invocam os recursos do sexo reprodutivo. Sugeriria que os

cyborgs têm mais a ver com regeneração e suspeitam da matriz reprodutiva e da maioria dos nascimentos. Para as salamandras, a regeneração depois de sofrerem dano, tal como a perda de um dos membros, envolve um novo crescimento da estrutura mesma e a restauração da função com a possibilidade constante de reduplicar-se ou gerar umas estranhas produções topográficas no mesmo lugar da perda.

O membro recém-aparecido pode ser monstruoso, duplicado ou até mesmo algo potente. Todos fomos feridos e profundamente. Precisamos de regeneração, não de renascimento, e as possibilidades que regem nossa reconstituição incluem o sonho utópico da esperança de um mundo monstruoso e sem gênero.

A imagística *cyborg* pode ajudar a expressar dois argumentos cruciais neste ensaio: (I) a produção de teoria universal, totalizadora, é um grande erro que perde grande parte da realidade, provavelmente sempre, mas certamente agora; (II) responsabilizar-se pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticência, uma demonologia da tecnologia e, portanto, abraçar a hábil tarefa de reconstruir as fronteiras da vida diária em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as outras partes. Isto não significa dizer simplesmente que a ciência e a tecnologia representam meios possíveis de satisfação humana em grande escala, assim como a matriz de dominações complexas. A imagística dos *cyborgs* pode sugerir uma maneira de sair do labirinto dos dualismos com os quais explicamos a nós mesmos nossos corpos e nossos instrumentos. Este é o sonho não de uma linguagem comum, mas de uma heteroglossia poderosa e infiel. Representa uma imaginação de um feminismo falado em várias línguas para incutir medo nos circuitos das super-salvadoras da nova direita. Significa ao mesmo tempo construir e destruir máquinas, identidades, categorias, relações, espaços, histórias. Ainda que ambos tenham sido engendrados na mesma dança espiralada, prefiro ser um *cyborg* a ser uma deusa.

NOTAS

¹ Referências úteis à esquerda e/ou aos movimentos e teorias feministas científicas radicais e a conseqüências biológico-tecnológicas incluem: Ruth Bleier, *Science and gender: a critique of biology and its themes on women* (Nova York: Pergamon, 1984); Eliza-

beth Fee, "Critiques of modern science: the relationship of feminist and other radical epistemologies" e Evelyn Hammonds, "Women of color, feminism and science", conferências apresentadas no simpósio relacionado às perspectivas feministas da ciência, Universidade de Wisconsin, 11-12 de abril de 1985 (atas a serem publicadas por Pergamon); Stephen J. Gould, *Mismeasure of man* (Nova York: Norton, 1981); Ruth Hubbard, Mary Sue Nemin, Barbara Fried, eds., *Biological woman, the convenient myth* (Cambridge, Mass.: Schenkman, 1982); Evelyn Fox Keller, *Reflections on gender and science* (New Haven: Yale University Press, 1985); R.C. Lewontin, Steve Rose e Leon Kamin, *Not in our genes* (Nova York: Pantheon, 1984); *Radical Science Journal*, 26 Freegrove Road, Londres, N7 9RQ; *Science for the people*, 897 Main St., Cambridge, MA02139.

² Pontos de partida para abordagens feministas e/ou de esquerda da tecnologia e da política incluem: Ruth Schwart Cowan, *More work for mother: the ironies of household technology from the open heart to the microwave* (Nova York: Basic Books, 1983); Joan Rothschild, *Machina ex dea: feminist perspectives on technology* (Nova York: Pergamon, 1983); Sharon Traweck, "Uptime, downtime, spacetime, and power": an ethnography of U.S. and Japanese particle Physics", PhD thesis, UC Santa Cruz, History of Consciousness, 1982; R.M. Young e Les Levidov, eds., *Science, technology, and the labour process*, vols. 1-3 (Londres: CES Books); Joseph Weizenbaum, *Computer power and human reason* (San Francisco: Freeman, 1976); Langdon Winner, *Autonomous technology: technicians out of control as a theme in political thought* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1977); Langdon Winner, "Paths in technopolis", esp. "Mythinformation in the high tech era" (mimeo); Jan Zimmerman, ed., *The technological woman: interfacing with tomorrow* (Nova York: Praeger, 1983); *Global Electronics Newsletter*, 867 West Dana St., apt. 204, Mountain View, CA94041; *Processed World*, 55 Sutter St., San Francisco, CA94104; *ISIS*, Women's International Information and Communication Service, P.O.Box 50 (Cornavin), 1211 Geneva 2, Suíça, e Via Santa Maria dell'Anima 30, 00186 Roma, Itália. Ache-gas fundamentais aos estudos sociais modernos da ciência que não continuam a mistificação liberal, começada com Thomas Kuhn, incluem: Karin Knorr-Cetina, *The manufacture of knowledge* (Oxford: Pergamon, 1981); K.D. Knorr-Cetina e Michael Mulkay, eds., *Science observed: perspectives on the social study of science* (Beverly Hills, Calif.: Sage, 1983); Bruno Latour e Steve Woolgar, *Laboratory life: the social construction of scientific facts* (Beverly Hills, Calif.: Sage, 1979); Robert M. Young, "Interpreting the production of science", *New Scientist*, vol. 29 (March 1979), pp. 1026-28. Reclama-se muito mais do que realmente se sabe a respeito de espaço para contestar as produções da ciência no espaço mítico/material do "laboratório"; no Diretório das redes para o estudo etnográfico da ciência, tecnologia e organizações do ano de 1984 pode-se encontrar uma extensa lista de pessoas e projetos cruciais para uma melhor análise radical deste problema; solicitações podem ser feitas à NESSTO, P.O.Box 1442, Stanford, CA94305.

³ Frederic Jameson, "Pós-modernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio", *New Left Review*, julho/agosto 1984, pp. 53-94. Veja também Marjorie Perloff, "'Dirty' language and scramble systems", *Sulfur* II (1984), pp. 178-83; Kathleen Fraser, *Something (even human voices) in the foreground, a Lake* (Berkeley, Calif.: Kelsey St. Press, 1984).

⁴ Frans de Wall, *Chimpanzee politics: power and sex among the apes* (Nova York: Harper & Row, 1982); Langdon Winner, "Do artifacts have politics?" *Daedalus*, inverno 1980.

⁵ Jean Baudrillard, *Simulations*, trans. P. Foss, P. Patton, P. Beitchman. Nova York: Semiotext(e), 1983. Jameson ("Pós-modernismo", p. 66) acentua que a definição platônica do simulacro é a cópia para a qual não há original, isto é, o mundo do capitalismo avançado, de pura roca.

⁶ Herbert Marcuse, *One-dimensional man* (Boston: Beacon, 1964); Carolyn Merchant, *Death of nature* (San Francisco: Harper & Row, 1980).

⁷ Zoe Sofia, "Exterminating fetuses", *Diacritics*, vol. 14, n. 2 (verão 1984, pp. 47-59, e "Jupiter Space" (Pomona, Calif: American Studies Association, 1984).

⁸ Alguns desenvolvimentos poderosos da política de coalizão surgem de emissários do "terceiro mundo", falando de um não-lugar, o centro deslocado do universo, da terra: "Nós vivemos no terceiro planeta a partir do sol" — *Poema do sol* escrito pelo poeta jamaicano Edward Kamau Braithwaite, resenhado por Nathaniel Mackey, *Sulfur*, II (1984), pp. 200-5. *Home girls*, ed. Barbara Smith (Nova York: Kitchen Table, Women of Color Press, 1983), ironicamente subverte identidades naturalizadas ao mesmo tempo em que constrói um lugar do qual se fala chamado casa. Ver especialmente Bernice Reagan, "Coalition politics, turning the century", pp. 356-68.

⁹ Chela Sandoval, "Dis-illusionment and the poetry of the future: the making of oppositional consciousness", trabalho de qualificação para o doutorado, UCSC, 1984.

¹⁰ Bell Hooks, *Ain't a woman?* (Boston: South End Press, 1981); Gloria Hull, Patricia Bell Scott, e Barbara Smith, eds., *All the women are white, all the men are black but some of us are brave: black women's studies* (Old Westbury, Conn.: Feminist Press, 1982). Toni Cade Bambara, em *The salt eaters* (Nova York: Vintage/Random House, 1981), escreve um extraordinário romance pós-modernista, no qual as mulheres de cor pertencentes ao grupo de teatro *As sete irmãs* exploram uma forma de unidade. Meus agradecimentos a Elliott Evans pelas leituras do trabalho de Bambara, trabalho de qualificação para o doutorado, UCSC, 1984.

¹¹ A respeito do orientalismo em trabalhos feministas e outros, ver Lisa Lowe, "Orientation: representations of cultural and sexual 'Others'", tese de doutorado, UCSC; Edward Said, *Orientalism* (Nova York: Pantheon, 1978).

¹² Katie King desenvolveu um tratamento teoricamente sensível a respeito dos trabalhos de taxonomias feministas como genealogias do poder na ideologia e na polêmica feminista: "Prospectus", *Gender and genre: academic practice and the making of criticism* (Santa Cruz, Calif.: University of California, 1984). King examina um exemplo inteligente e problemático dos feminismos taxonomizadores para fazer uma pequena máquina produzir uma posição final desejada: Alison Jaggar, *Feminist politics and human nature* (Totowa, N.J.: Rowman & Allanheld, 1983). Minha caricatura do feminismo socialista e radical aqui apresentada também é um exemplo disso.

¹³ O argumento do ponto de vista feminista a este respeito vem sendo desenvolvido por: Jane Flax, "Political philosophy and the patriarchal unconsciousness", in Sandra Harding e Merrill Hintikka, eds., *Discovering reality* (Dordrecht: Reidel, 1983); Sandra Harding, "The contradictions and ambivalence of a feminist science"; Harding e Hintikka, *Discovering reality*; Nancy Hartsock, *Money, sex, and power* (Nova York: Longman, 1983) e "The feminist standpoint: developing the ground for a specifically feminist historical materialism", in Harding e Hintikka, *Discovering reality*; Mary O'Brien, *The politics of reproduction* (Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1981); Hilary Rose, "Hand, brain, and heart: a feminist epistemology for the natural sciences", *Signs*, vol. 9, n. 1 (1983), pp. 73-90; Dorothy Smith, "Women's perspective as a radical critique of sociology", *Sociological Inquiry* 44 (1974), e "A sociology of women", in J. Sherman e E. T. Beck, ed., *The prism of sex* (Madison: University of Wisconsin Press, 1979).

¹⁴ Catherine MacKinnon, "Feminism, marxism, method, and the state: an agenda for theory", *Signs*, vol. 7, n. 3 (primavera 1982), pp. 515-44. Uma crítica devida a MacKinnon, mas sem o reducionismo e com um aproveitamento elegante e feminista do conservadorismo paradoxal de Foucault a respeito da violência sexual (o estupro), pode ser encontrada em Teresa de Lauretis, "Violence engendered", *Semiotica*, número especial, a respeito da "Retórica da violência", ed. Nancy Armstrong, 1985. Um exame teoricamente elegante, feminista e sócio-histórico da violência familiar, que insiste no complexo agenciamento de mulheres, homens e crianças sem perder de vista as estruturas materiais de dominação masculina, raça e classe é o de Linda Gordon, em *Cruelty, love, and dependence: family violence and social control, Boston 1880-1960*, Pantheon.

¹⁵ Meus esforços prévios no sentido de entender a biologia como um discurso cibernético de comando-controle e os organismos como "objetos natural-técnicos do conhecimento" são os seguintes: "The high cost of information in Post-World War II evolutionary biology", *Philosophical forum*, vol. 13, nºs 2-3 (1979), pp. 206-37; "Signs of dominance: from a physiology to a cybernetics of primate society", *Studies in history of biology* 6 (1983), pp. 129-219; "Class, race, sex, scientific objects of knowledge: a socialist-feminist perspective on the social construction of productive knowledge and some political consequences", in Violet Haas e Carolyn Perucci, eds., *Women in scientific and engineering professions* (Ann Harbor: University of Michigan press, 1984), pp. 212-29.

¹⁶ E. Rusten Hogness, "Why stress? A look at the making of stress, 1936-56", disponível diretamente com a autora, 4437 Mill Creek Rd., Healdsburg, CA95448.

¹⁷ Uma entrada de esquerda no debate a respeito da biotecnologia pode ser encontrada em *GeneWatch*, um Bulletin of the Committee for Responsible Genetics, 5 Doane St., 4th floor, Boston, MA02109; no livro de Susan Wright e no seu artigo "Recombinant DNA: the status of hazards and control", *Environment*, julho/agosto 1982; consulte-se ainda o livro de Edward Yoxen *The gene business* (Nova York: Harper & Row, 1983).

¹⁸ As referências iniciais às "mulheres num circuito integrado" podem ser encontradas em: Pamela D'Onofrio-Flores e Sheila M. Pfafflin, eds., *Scientific-technological change and the role of women in development* (Boulder, Colo.: Westview Press, 1982); Maria Patricia Fernandez-Kelly, *For we are sold, I and my people* (Albany, N.Y.: SUNY Press, 1983); Annette Fuentes e Barbara Ehrenreich, *Women in the global factory* (Boston: South End Press, 1983), com uma lista muito útil de recursos e organizações; Rachael Grossman, "Women's place in the integrated circuit", *Radical America*, vol. 14, n. I (1980), pp. 29-50; June Nash e M.P. Fernandez-Kelly, eds., *Women and men and the international division of labor* (Albany, N.Y.: SUNY Press, 1983); Aiwa Ong, "Japanese factories, Malay workers: industrialization and the cultural construction of gender in West Malaysia", in Shelley Errington e Jane Atkinson, eds., *The construction of gender, a sair*; Science Policy Research Unity, *Microelectronics and women's employment in Britain* (University of Sussex, 1982).

¹⁹ O melhor exemplo se encontra em Bruno Latour, *Les microbes: guerre et paix, suivi de irreductions* (Paris: Metailie, 1984).

²⁰ Sobre a economia do trabalho doméstico e seus argumentos de sustentação, vejam-se os seguintes trabalhos: Richard Gordon, "The computerization of daily life, the sexual division of labor, and the homework economy", in R. Gordon, ed., *Microelectronics in transition* (Norwood, N.J.: Albex, 1985); Patricia Hill Collins, "Third World women in America", e Sara G. Burr, "Women and work", in Barbara K. Haber, ed., *The women's annual, 1981* (Boston: G. K. Hall, 1982); Judith Gregory e Karen Nussbaum, "Race against time: automation of the office", *Office: technology and people 1* (1982), pp. 197-236; Frances Fox Piven e Richard Cloward, *The new class war: Reagan's attack on the welfare state and its consequences* (Nova York: Pantheon, 1982); Microelectronics group. *Microelectronics: Capitalist technology and the working class* (London: CSE, 1980); Karin Stalard, Barbara Ehrenreich e Holly Sklar, *Poverty in the American dream* (Boston: South End Press, 1983), incluindo-se aí não só uma organização útil do material como uma lista de recursos.

²¹ Confirmam-se os trabalhos de Rae Lesser Blumberg, "A general theory of sex stratification and its application to the position of women's in today's world economy", trabalho apresentado ao Comitê de Sociologia da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, em fevereiro de 1983; R. S. Blumberg, *Stratification: socioeconomic and sexual inequality* (Boston: Brown, 1981); Sally Hacker, "Doing it the hard way: ethnographic studies in the agribusiness and engineering classroom", California American Studies Association, Pomona, 1984, a ser publicado em *Humanity and society*; S. Hacker e Lisa Bovit, "Agriculture to agribusiness: technical imperatives and changing roles", *Proceedings* da So-

ciety for the History of Technology, Milwaukee, 1981; Lawrence Busch e William Lacy, *Science, agriculture, and the politics of research* (Boulder, Colo.: Westview Press, 1983); Denis Wilfred, "Capital and Agriculture, a review of Marxian problematics", *Studies in Political Economy*, nº 7 (1982), pp. 127-154; Carolyn Sachs, *The invisible farmers: women in agricultural production* (Totowa, N.J.: Rowman & Allanheld, 1983). Meu agradecimento a Elizabeth Bird, "Green revolution imperialism", I & II, em manuscrito, Universidade da Califórnia, Santa Cruz, 1984.

²² Cynthia Enloe, "Women textile workers in the militarization of South-east Asia", em Nash e Fernandez-Kelly, *Women and men*; Rosalind Petchesky, "Abortion, anti-feminism, and the rise of the New Right", *Feminist Studies*, vol. 7, nº 2 (1981).

²³ Para uma versão feminista desta lógica, veja-se Sarah Blaffer Hrdy, *The woman that never evolved* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981). Para uma análise das práticas científicas de contar estórias das mulheres, especialmente em relação à sociobiologia, em debates evolutivos a respeito de infanticídio e corrupção de menores, consulte-se Donna Haraway, "The contest for primate nature: daughters of man the hunter in the field, 1960-1980", em Mark Kann, ed., *The future of American democracy* (Filadélfia: Temple University Press, 1983), pp. 175-208.

²⁴ Sobre o momento de transição da caça com armas para a caça com câmeras na construção dos significados populares da natureza para um público migrante urbano e norte-americano, consultem-se Donna Haraway, "Teddy bear patriarchy", *Social Text*, 1985; Roderick Nash, "The exporting and importing of nature: nature-appreciation as a commodity, 1850-1980", *Perspectives in American History*, vol. 3 (1979), pp. 517-60; Susan Sontag, *On photography* (Nova York: Dell, 1977) e Douglas Preston, "Shooting in Paradise", *Natural History*, vol. 93, nº 12 (December, 1984), pp. 14-9.

²⁵ Para uma orientação crítica do pensamento a respeito das implicações políticas/culturais da história da mulher produtora de ciência nos Estados Unidos, vejam-se: Violet Haas e Carolyn Perucci, eds., *Women in scientific and engineering professions* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1984); Sally Hacker, "The culture of engineering: women, workplace, and machine", *Women's Studies International Quarterly*, vol. 4, nº 3 (1981), pp. 341-53; Evelyn Fox Keller, *A feeling for the organism* (San Francisco: Freeman, 1983); National Science Foundation, *Women and minorities in science and engineering* (Washington, D.C.: NSF, 1982); Margaret Rossiter, *Women scientists in America* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982).

²⁶ John Markoff e Lenny Siegel, "Military Micros", UCSC Silicon Valley Research Project conference, 1983, *Microelectronics and industrial transformation*. Os profissionais que trabalham com alta tecnologia pela paz e os profissionais ligados às ciências da computação relacionados às responsabilidades sociais prometem organizar-se.

²⁷ Katie King, "The pleasure of repetition and the limits of identification in feminist science fiction: reimaginings of the body after the cyborg", California American Studies Association, Pomona, 1984. A seguir transcrevo uma lista resumida de livros de ficção científica que se relacionam aos temas deste ensaio: Octavia Butler, *Wild seed, mind of my mind, kindred survivor*; Suzy McKee Charnas, *Motherliness*; Samuel Delany, *Tales of Neveryon*; Anne McCaffery, *The ship who sang, Dinosaur Planet*; Vonda McIntyre, *Super-luminal, dreamsnake*; Joanna Russ, *Adventures of Alix, the female man*; James Tiptree, Jr., *Star songs of an old primate, up the walls of the world*; John Varley, *Titan, wizard, demon*.

²⁸ Mary Douglas, *Purity and danger* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966), *Natural Symbols* (Londres: Cresset Press, 1970).

²⁹ As feministas francesas contribuem para a heteroglossia dos cyborgs. Carolyn Burke, "Irigaray through the Looking Glass", *Feminist Studies*, vol 7, nº 2 (verão 1981), pp. 288-306; Luce Irigaray, *Ce sexe qui n'en est pas un* (Paris: Minuit, 1977); L. Irigaray, *Et l'une ne bouge pas sans l'autre* (Paris: Minuit, 1979); Elaine Marks and Isabelle de

Courtivron, ed., *New French feminisms* (Amherst: University of Massachusetts Press, 1980); *Signs*, vol. 7, n° 1 (outono 1981), número especialmente dedicado ao feminismo francês; Monique Wittig, *The lesbian body*, trans. David LeVay (Nova York: Avon, 1975; *Le corps lesbien*, 1973).

³⁰ No entanto, todos esses poetas são muito complexos no que diz respeito a mentira e erotismo e às identidades pessoais e coletivas. Susan Griffin, *Women and nature: the roaring inside her* (Nova York: Harper & Row, 1978); Audre Lorde, *Sister Outsider* (Nova York: Crossing Press, 1984); Adrienne Rich, *The dream of a common language* (Nova York: Norton, 1978).

³¹ Jacques Derrida, *Of grammatology*, tradução e introdução de Gayatri C. Spivak (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976), especialmente a parte II, "Nature, culture, writing"; Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, tradução de John Russell (Nova York, 1961), especialmente o trecho "A lição de escritura".

³² Cherrie Moraga, *Loving in the war years* (Boston: South End Press, 1983). A aguda relação entre mulheres de cor e a escritura enquanto tema e atividade política pode ser vista em: "The black woman and the diaspora: hidden connections and extended acknowledgments", An Internacional Literary Conference, Michigan State University, outubro 1985; Mari Evans, ed., *Black women writers: a critical evaluation* (Garden City, N. Y.: Doubleday/Anchor, 1984); Dexter Fisher, ed., *The third woman: minority women writers of the United States* (Boston: Houghton Mifflin, 1980); muitos números da revista *Frontiers*, especialmente o volume 5 (1980); "Chicanas en el ambiente nacional" e volume 7 (1983), "Feminisms in the non-western world"; Maxine Hong Kingston, *China men* (Nova York: Knopf, 1977); Gerda Lerner, ed., *Black women in white America: a documentary history* (Nova York: Vintage, 1973); Cherrie Moraga e Gloria Anzaldúa, eds., *This bridge called my back: writings by radical women of color* (Watertown, Mass.: Persephone, 1981); Robin Morgan, ed., *Sisterhood is global* (Garden City, N. Y.: Anchor/Doubleday, 1984). A escritura das mulheres brancas tem tido também significados semelhantes: Sandra Gilbert e Susan Gubar, *The madwoman in the attic* (New Haven: Yale University Press, 1979); Joanna Russ, *How to suppress women's writing* (Austin: University of Texas Press, 1983).

³³ James Clifford argumenta persuasivamente a favor do reconhecimento da reinvenção cultural contínua, o não-desaparecimento teimoso daqueles "marcados" pelas práticas imperialistas ocidentais; vejamos: "On ethnographic allegory: essays", a sair em 1985 e "On ethnographic authority", *Representations*, vol. 1, n° 2 (1983), pp. 118-46.

³⁴ Page DuBois, *Centaurs and amazons* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1982); Lorraine Daston e Katharine Park, "Hermaphrodites in Renaissance France", manuscrito, sem data; Katharine Park e Lorraine Daston, "Unnatural conceptions: the study of monsters in the 16th and 17th century France and England", *Past and Present*, n° 2 (agosto 1981), pp. 20-54.